

The background of the entire image is a dense, textured collage. It features various fragments of old, yellowed newspaper text in a serif font. Interspersed among the text are several hand-drawn diagrams. These include complex geometric shapes like circles and polygons, some with internal lines and dots, resembling alchemical or esoteric symbols. There are also more abstract, branching diagrams that look like molecular structures or perhaps maps of a different kind. The overall color palette is a range of browns, from light tan to dark, almost black, tones, giving it an aged and mysterious appearance.

BRUNO BORGES

O Alquimista do Acre

AS LOUCURAS DE ENZO DE APTIDERA



29/04/2015

São expressamente proibidas quaisquer formas de comercialização deste livro sem a permissão prévia e documentada do autor, Bruno Borges. Porém, são permitidas divulgações gratuitas e impressões físicas deste livro sem fins lucrativos, para fins de propagação de conhecimentos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO	PÁGINA
I – O ENCONTRO COM OS APTIDERANOS	5
II – SOBRE O AUTOCONHECIMENTO	18
III – ENTRE ATEUS E RELIGIOSOS, SOBRE DEUS	30
IV – SOBRE O FUTURO	40
V – SOBRE A VERDADE ABSOLUTA	52
VI – REGRAS FINAIS	64

AS LOUCURAS DE ENZO DE APTIDERA

NOTA: ESTE LIVRO NÃO TRAZ VERDADE ALGUMA. O ÚNICO OBJETIVO DESTA OBRA É ADOTAR UMA PERSPECTIVA MULTIFOCAL DAS COISAS, FAZENDO COM QUE O LEITOR PENSE DE MANEIRA DIFERENTE DA CONVENCIONAL.

CAPÍTULO I

O ENCONTRO COM OS APTIDERANOS

O ENCONTRO COM OS APTIDERANOS

Lembro muito bem o quanto fiquei pasmo com o que estava observando. Ao meu redor havia um caldeirão de malucos varridos, esbravejando e discursando em praça pública, como se estivessem iniciando um ato revolucionário.

Vendo aquela situação totalmente incomum, percebi que deveria participar do evento para depois narrar aquele fato curioso que estava ocorrendo. Hoje eu não me encontro com aquelas pessoas, mas espero que elas tenham aprendido a lição sobre a loucura, e que possam, assim como Erasmo de Rotterdam, elogiá-la.

Tudo começou em um dia sem vestígio algum de normalidade. Em uma praça pública bem movimentada havia uma reunião totalmente desorganizada, e a grande maioria dos participantes eram indigentes.

Lembro-me vagorosamente que algo atizou minha curiosidade sobre uma pequena quantidade de gente imunda, talvez tenha sido o jeito destemido com que jorravam suas palavras. Mas, o que interessava mesmo era para onde essas palavras eram dirigidas. O que vou lhes contar vai fazer com que me julguem louco. Porém, nenhum julgamento deste nível me atinge mais, visto que eu absorvi as lições de Enzo de Aptidera, aquele que se encontrava em cima de uma extensa rocha com as mãos em um púlpito (como ele foi parar lá, vai saber, digo, o púlpito, e não o moço). Me desdobrei para enxergar através daquela dúzia de indigentes que gritavam, uns perguntando coisas e outros soltando blasfêmias. De repente se fez ouvir sobre meu lado o sopro de uma velha que tinha uma voz de pouca saliência, e ela começou a falar comigo:

Anchieta – Ele é um doido varrido! – apontando ao homem da rocha.

Elpídio de Lacerda – O que disse?

Anchieta – É doido... – apontando novamente para o homem da rocha.

Apesar da velha ter aparentado ser mais doida do que ele, eu não duvidei, pois afinal, o jovem para o qual ela apontou o dedo e firmou suas denúncias estava sobre uma rocha no meio de uma praça pública, falando sobre um púlpito de lençol branco e chinela, e, para piorar, o mesmo tinha cabelos e barbas enormes e parecia se importar muito pouco com sua aparência, sem dúvidas se tratava de um moribundo. E ela continuou: “Ele afirma ser de outro planeta e sair do corpo. E como se não bastasse, diz que os japoneses são mais evoluídos e que por assim ser, apresentam os órgãos sexuais atrofiados, pois, segundo ele, o intelecto atenua a selvageria e o comportamento instintivo!”.

A única coisa que pensei neste momento foi: “Quanta idiotice!”. Mas claro que não demonstrei isso a ela, só fiz uma expressão de surpresa por ouvir coisas tão psicóticas!

Enzo de Aptidera – Você aí! Apontando para mim, diga-me, chegou agora, tem noção do que se passa?

A velha gaga da Anchieta realmente só podia ser maluca como todos, pois neste momento, ela, que se encontrava ao meu lado e até então tentou explicar a situação em particular para mim, olhou-me e soltou uma gargalhada tão indiscreta que todos ouviram, e falou o mais alto possível: “Eita, agora fodeu!”. Fiquei nervoso, mas agi de modo sensato:

Elpídio de Lacerda – De maneira alguma, como se chama?

Enzo de Aptidera – Você quer meu nome ou deseja saber quem eu sou?

Elpídio de Lacerda – Na verdade eu desejo saber quem é...

Enzo de Aptidera – Pois então não necessita do nome, afirmar o termo dado quando se nasce a outro alguém não o permite discriminar sua personalidade, embora esta última tenha raízes na junção de significados atribuídos quando lhe chamam pelo nome, ela não condiz com a sua essência. Mas, se ainda anseia, eu lhe comunico, meu nome é...

Anchieta – Enzo de Aptidera! Ha-ha-ha-ha!

Enzo de Aptidera – Isso! E se eu lhe perguntar quem você é, saberia me responder?

Elpídio de Lacerda – Bom, acredito que sim, me chamo Elpídio de Lacerda, eu trabalho na...

Enzo de Aptidera – Espere um instante! Deixe-me lhe apresentar o conto do peregrino com um eremita!

Timótio – Isso! Isso! Isso! Vamos lá, mestre! Mostre-lhe o conto do peregrino com um eremita!

E então todos começaram a rogar para que o tal do “Enzo de Aptidera” me contasse o conto, pude ver que todos já estavam bem afeiçoados com as ideias daquele sujeito que mais parecia um impostor.

Elpídio de Lacerda – Todos vocês sabem que conto é este?

“Sim!”, gritaram. Só tem doido varrido mesmo, pensei comigo, pois estávamos a falar sobre o meu nome e quem eu era, e agora o assunto já mudou abruptamente, sabe-se lá se eles sempre interrompiam a conversa assim.

Enzo de Aptidera – Pois bem, se querem ouvir, aqui está:

“Um andarilho viajou o mundo inteiro buscando a verdade da vida, certo dia, passando por uma estrada estreita e vazia, avistou um eremita. Percebeu que o eremita estava sentado na varanda de uma casa simples, de madeira, observando a natureza e com um semblante admirado. O andarilho, curioso, aproximou-se do eremita e lhe questionou:

– Você é um Eremita, certo?

– Exato – Disse o Eremita.

– Porque decidiu se isolar do mundo em busca da verdade? – Perguntou o Andarilho.

– Porque é compreendendo os fenômenos da natureza que podemos atingir a compreensão do Universo. – Respondeu o Eremita.

– Mas, parado em um único lugar você não consegue conhecer as diversas manifestações da existência. – Disse o Andarilho.

– Tudo está parado, somos nós quem nos movemos. – Finalizou o Eremita.

– Tudo ao nosso redor está se movendo, nós que tendemos a enxergar tudo parado. – Completou o Andarilho.

Então, ambos olharam para uma planta que estava em simbiose com uma formiga. A planta estava parada, firme e fixa, porém, a formiga se movia ao redor dela, enquanto recebiam auxílio mútuo. Logo se fez perceber entre eles que a verdade se completa na união dos opostos, do fixo e do volátil.”.

Enzo de Aptidera – Pois bem, amigo, só faz parte do grupo Aptiderano os que têm a devida e sensata noção de que não se conhecem. O andarilho e o eremita passam a vida inteira buscando, à sua maneira, o autoconhecimento. E como bem vê, você me afirmou a pouco que pode responder essa questão quando lhe perguntei “quem é você”.

De fato, só perduram comigo os espíritos aguçados a ponto de almejem dispersar sua ofuscação. Se você é um deles, vai a partir de agora entender que não sabe quem é. Para isto é necessário partir para o ponto de vista de um

sonhador e passar a viver uma vida de onirismo, e não de oclusão das vontades, paixões e do fogo que arde querendo sair de sua alma.

Elpídio de Lacerda – Grupo Aptiderano? – Observei que neste momento todos me olhavam, então preferi contribuir – Está bem, vou passar a adotar a perspectiva de que não sei nada sobre mim mesmo.

Enzo de Aptidera – Assim está melhor. Seja seu verdadeiro você, não seja o você que os outros querem em você ver. Pois, faz-se compreender na face de cada homem a farsa da total convicção a respeito das coisas. E já notamos anteriormente que os indivíduos que assim portavam-se amiúde nos rejeitavam.

Este tal de Enzo falava com certo domínio e atirava um olhar o qual dificilmente um homem prudente ignoraria. Sem dúvidas não era um ignorante como os demais. Entretanto, este poderia ser um bom indicativo de que o próprio poderia estar dando golpes, sendo estelionatário ou dando uma de “messias” para conseguir seguidores cegos.

Elpídio de Lacerda – Você é o novo Messias? – Perguntei

Timótio – Sim! Sim! Ele é o nosso salvador!

Enzo de Aptidera – De maneira alguma, Timótio!

Timótio era o mais fiel, como uma espécie de apóstolo que tudo defendia, ajudando Enzo de Aptidera na conquista de fiéis. Muitas vezes acontecia de este pobre infeliz ficar de joelhos, admirando as palavras que Enzo soletrava com magnificência.

Enzo de Aptidera – Hoje eu não sou o messias. Mas nada me impede de ser em outro tempo. Aliás, quem garante que o novo profeta não seja um de vocês? Ele pode ser qualquer um, de mendigo, ladrão, assassino; a idoso, homem adulto ou criança; do benfazejo ao malfazejo. Moisés matou um egípcio antes de receber sua missão. Jesus não nasceu falando. E eu poderei ser o mais novo entre vocês a dirigir palavras que ajudam o mundo a mudar para melhor pelas minhas ideologias.

Anônimo – Maluco! Doido de Pedra!

Neste momento já havia no mínimo o dobro de pessoas que tinha quando cheguei, o que me fez pensar que o tal “grupo Aptiderano” era tão recente quanto o nascer do sol desta manhã.

Anchieta – E eu? Ainda posso ser uma? Ha-ha-ha-ha!

Enzo de Aptidera – E por que não? O que te impede, afinal? Nosso propósito na vida é do tamanho de nossa fé. E digo mais, todos aqui serão messias um dia. Até você, Elpídio de Lacerda. Porém, terá que nascer outras vezes, até alcançar o ciclo absoluto do nível evolutivo que Jesus e Buda atingiram. Assim, serão um dia convocados para encarnar em um corpo, num planeta cuja raça esteja com seu desenvolvimento no mesmo ritmo que o nosso atual, e lá farão maravilhas e serão o messias deles. Serão vangloriados e idolatrados por milênios assim como Jesus é idolatrado agora.

Elpídio de Lacerda – Que seja! – Bando de malucos, pensei – Mas, afinal, você se considera um ou não?

Enzo de Aptidera – Neste momento não. Muito menos sábio ou profeta. Estou em cima da rocha para fazer minhas palavras serem ouvidas, e não para atingir maior poder. Não imponho nenhuma de minhas ideias, mas compartilho. Todos os que estão aqui entre nós aceitaram essa condição por reclamarem da dificuldade que tinham de ouvir aquilo que eu narrava sobre minhas experiências. Se você quiser vir ao púlpito, lhe entrego a chave para que nos dirija palavras com os seus fios tênues da razão.

Elpídio de Lacerda – Não, obrigado, eu prefiro assim.

Anchieta – Vai lá, homem! Tire aquele maluco de lá! Ha-ha-ha-ha! – E deu-me dois tapas nas costas.

Elpídio de Lacerda – Eu disse que não! Mas, obrigado.

Foi aí que todos pararam de se agitar, notei que olharam para trás com curiosidade. Reparei que de repente apareceu um homem bem gordo que dava seu máximo para correr até o local, de longe ele vinha gritando e resmungando, não dava para entender muito bem, mas à medida que ele se fazia pressentir em nosso meio pudemos ouvir. Acredito que se tratava de um cara como o Timótio, acreditando, sem existência de pensamento crítico, nas palavras de Enzo. Era um rapaz dotado de fé e superstição. Ele chegou aos trancos e barrancos, empurrou toda a aglomeração que o lugar já continha, ajoelhou em frente ao púlpito e resmungou.

Varão – Eu sempre esperei este momento! Você é a única pessoa que pode sanar as minhas dúvidas. É minha única esperança, pois tenho sofrido em demasia devido ao fato de não saber como alcançar as virtudes desta vida.

Diga-me, pois, ó, sábio dos sábios! O que farei? Pois eu quero chegar até a lua, mas não consigo, me desculpe!

Então Enzo, observando tais depoimentos que o infeliz pranteava, lhe responde:

Enzo de Aptidera – Oh, Homem!

Na lua você não pode estar,
por desistir antes de tentar!

Varão – Eu quero sobre o céu voar,
Mas, conclui: não dá!

Enzo de Aptidera – Pelos céus você voaria veemente,
se não concluísse antecipadamente!

Varão – Quero penetrar nas profundezas do oceano,
pensei num jeito, mas não sei como!

Enzo de Aptidera – No mais profundo oceano vai penetrar,
no momento em que agir mais que pensar!

Varão – Quero ver o futuro e gerar profecias...
Impossível... Fantasias!

Enzo de Aptidera – Do futuro deslumbrará as mais belas visões,
quando mais fé que dúvida pôr nas emoções!

Varão – Desejo compreender a verdade do Universo,
mas ela é impenetrável por ele ser complexo!

Enzo de Aptidera – O Universo a si se revelará,
no estudo das ciências o encontrará!

Varão – Anseio comunicar-me com seres de outros planetas,
mas isso não existe, é besteira...

Enzo de Aptidera – Não desacredite nos extraterrestres, apenas espera,
pois eu sou um deles, prazer: Enzo de Aptidera.

Varão era poeta, e de todos os mendigos que estavam na praça, ele e Enzo pareciam ser os mais cultos. Ele e Timótio ficaram loucos quando Enzo lhes disse ser uma pessoa que veio de outro planeta, ou melhor, um E.T.. Pareciam extáticos, obviamente se ludibriaram, coisa que eu, me divertindo muito por ter encontrado mais sentido na vida diante da maluquice do que naquele ritmo inóspito de vida que eu levava, tentava entender melhor antes de me entregar.

Elpídio de Lacerda – Ah é? E de que raça você é? – Perguntei.

Enzo de Aptidera – Ora, da raça Aptiderana, é claro.

Elpídio de Lacerda – Então nós, que somos do clube, também somos extraterrestres?

Enzo de Aptidera – Não, vocês somente estão aqui para agregarem as ideias de minha raça.

Elpídio de Lacerda – E quer que agreguemos suas ideias?

Enzo de Aptidera – Somente se as consentirem.

Elpídio de Lacerda – Ah, entendo – eu estava apenas satirizando –. Então presumo que chegou em um disco voador e parou nesta praça pública na qual se amontoam cada vez mais espectadores?

Enzo de Aptidera – De maneira alguma! Se querem saber, eu direi brevemente.

Anchieta – Seja breve! Como todo bom mentiroso! Ha-ha-ha-ha!

Enzo de Aptidera – Serei. Já faz um tempo em que me retive numa aldeia indígena a qual eu visitei no norte do Brasil, passei apenas 8 dias nesta tribo. No entanto, foram momentos prodigiosos e responsáveis por uma mudança brusca em meus pensamentos.

Certo dia, em meio aos índios, me peguei na vontade perspicaz de andar sob a floresta viva e esverdeada, pois necessitava de reflexão solitária. Em uma descida descuidada eu escorreguei, batendo a cabeça em um tronco amordaçado. De imediato apaguei, e quando acordei novamente, estava em outro planeta de frente para a raça Aptiderana!

Não, não foi através de um disco voador ou algo assim, mas, nesse ínterim eles me contataram exclusivamente através da consciência, e não de qualquer tipo de tecnologia sofisticada. Eles me induziram a um encontro subjetivamente real, e disseram que isso já estava previsto, pois, segundo eles, eu pertencço àquela raça, mas, no entanto, encarnei aqui com a missão de libertar-lhes da ignorância! Então me passaram todos os seus conhecimentos e pediram-me para entregá-los a vós.

Inclusive, quando ao corpo retornei, intui ter passado por tudo de modo atemporal, pois no outro planeta havia estado por horas, enquanto na mata haviam se passado minutos, segundos os índios que me socorreram. Minha testa

foi bastante ferida, mas hoje eu sei que as cicatrizes marcadas na face servem para nos desvincularmos da beleza corpórea a fim de nos atarmos ao espírito.

Elpídio de Lacerda – Perguntei-lhe se era o novo messias, você negou. Agora me vem com essa de ter recebido uma missão de libertar o mundo. Está de brincadeira?

Enzo de Aptidera – Eu bem falei que qualquer um podia se tornar a qualquer hora.

Elpídio de Lacerda – Ah... Então agora é a hora, entendi. – comentei sarcasticamente.

Anônimos – Seu maluco!!!! Seu doido!!! Sai de cima dessa rocha!! Vão trabalhar!

Enzo de Aptidera – As pessoas ironizam chamando-me de louco. Mas, chegará o dia em que minhas obras serão lançadas e o meu brilho não mais permanecerá oculto. Talvez, isso não fará com que me achem menos louco, contudo, fará com que se arrependam profundamente de serem normais.

Elpídio de Lacerda – Então se acha louco?

Enzo de Aptidera – Eu bem tentei não acreditar, mas as pessoas me chamam tanto de louco que acabei desistindo da minha lucidez!

Timótio – Mestre, queremos nos tornar loucos assim como você! Pois somente sua loucura parece se distender sobre o ápice da sobriedade. Como se tornou um?

Enzo de Aptidera – Se quiserem posso explicar isso também.

Timótio – Por favor! Abra sua insanidade ante ao nosso anseio algoz.

Enzo de Aptidera – Tudo começou no ato de dormir, me encontrei sonhando que estava dormindo, e neste segundo sonho eu dormi e fui para um terceiro. O que incorre agora talvez seja o fator principal para a loucura. Neste terceiro eu acordo, mas não para o mundo real, e sim para o segundo. Podia ter certeza de que eu tinha acordado de verdade. Estava atordoado devido aos níveis de profundidade nos quais tinha entrado, pois em cada imersão profunda eu era enganado pela ilusão da temporalidade. Mas, tenho certeza, não me resta uma dúvida sequer, estou certo de que foi no despertar para o primeiro sonho... Foi no despertar para o primeiro sonho que a loucura me visitou. E agora tenho que carregar a eterna dúvida de não saber se estou acordado ou se estou dormindo.

Timótio – E os alienígenas que conheceu, também eram loucos?

Enzo de Aptidera – Certamente, pois eram Sábios. Afinal, não há sábios normais, tampouco há normais loucos. Logo, a loucura é o melhor caminho para o saber.

Timótio – Então em suma, para conseguirmos ser assim como você, devemos arrebatrar nossa realidade para imergi-la no limbo, e assim adotar a percepção do sonho como fonte real? Como conseguiremos viver sobre a perspectiva onírica?

Enzo de Aptidera – Adentra no mundo dos sonhos aquele que acredita estar vivendo em uma ilusão.

Timótio – Então o sonho é real?

Enzo de Aptidera – Acredito que não tenha entendido meus aforismos. Mas, se quiser, pode, enquanto o corpo dorme, vivenciar um mundo mais real que este através da saída do corpo.

Timótio – Saída do corpo?

Enzo de Aptidera – Perfeitamente. Você deve entender o que Heráclito de Éfeso quis dizer quando afirmou que “Os demais homens não sabem o que fazem quando acordados e esquecem o que fazem quando dormindo”. Porventura vocês tombam com o senso comum da inutilidade sobre o sono, que somente encoraja-se a atá-lo à boa saúde. Todavia, todos os corpos de consciência, e isso inclui os animais, vegetais e minerais, saem e vagam em outra dimensão menos densa e não-corpórea, os animais fazem isso todas as vezes em que dormem. Há casos raros de bilocação e materialização onde não necessariamente precisa-se estar dormindo, mas, para leigos não vale apenas citá-los. Somente aos magos.

Timótio – Então, se saímos todas as noites do leito, por que não nos lembramos?

Enzo de Aptidera – Por causa das limitações da matéria, do meio social e do nível espiritual em que nos encontramos nestes tempos presentes. Contudo, qualquer um pode aprender a lembrar e a induzir a saída corpórea através de técnicas energéticas. De fato, somos pura energia, nosso corpo apresenta pontos concentrados da mesma, se eles estiverem bem alinhados será possível o desdobramento de forma lúcida mais facilmente.

As crianças têm mais disposições, daí que surge a conjectura sobre sua pureza, e, entrando em concomitância com as ideias de Giordano Bruno, nosso

filósofo máximo, elas, as criancinhas, vivenciam uma magia natural que é perdida conforme a corrupção pelo ambiente cultural vai se estabelecendo.

Achei tudo isso muito interessante, especialmente por ter visto sobre este tema pouco tempo antes; resolvi entrar na conversa para aproveitar a oportunidade de ter em minha mente as novidades que captara recentemente.

Elpídio de Lacerda – Obtive informações a respeito. Sei que teoricamente acredita-se que a saída do corpo, também conhecida como projeção astral, torna o ser capaz de viajar em outras dimensões, de níveis superiores e inferiores.

Enzo de Aptidera – É bem assim, caro irmão Aptiderano. E na natureza extrema, ou seja, na dimensão última, está o “mundo das ideias”, que Platão conceitua. E nela se encontra a essência de tudo, assim como o que a acessa se torna tudo em verdadeira Unidade. Embora eu tenha tido a oportunidade de vivenciar esta experiência extra-sensorial, a explicação dificilmente decorrerá de forma didática para vós, pois as informações são inefáveis do outro lado, e só podem ser percebidas quando o sujeito me observa nesse estado de epifania.

Elpídio de Lacerda – Como o sujeito lhe observaria se você estaria fora do corpo?

Enzo de Aptidera – Sobre a contemplação do Uno, o “Êxtase” de Plotino e do Espiritismo, o “Nirvana” dos Budistas, o “Arrebatamento do espírito” para a bíblia, a “auto realização” para os teosofistas; ela costuma aparecer mais no estado de bilocação, quando supraexcitamos e nosso espírito se arrebatava para o Uno enquanto ainda estamos atuando no corpo. É um fenômeno raro que acontece somente com os de natureza filosófica, aquela pela qual se cria, se ama verdadeiramente o saber e se exila em relação aos vícios da matéria. Devido à bilocação, Pitágoras e Jesus foram vistos em dois lugares ao mesmo tempo.

Elpídio de Lacerda – Certo, então esse seu estado máximo e incompreensível tem sucesso fundamental na retirada do espírito para viagens fora do corpo, não estando este último necessariamente dormindo. Além disso, a saída do corpo é natural quando entramos em estado de sono profundo, quando, assim como explicado, nos retiramos do nosso veículo denso e nos colocamos a delinear sobre a atemporalidade etérea. Entretanto, parece que os cientistas atuais provaram que a saída do corpo é um fenômeno mental, pois, usando um indivíduo para testes, encontraram no cérebro da cobaia todos os movimentos que a mesma alegou ter exercido quando em projeção astral. O que dizer a respeito disso?

Enzo de Aptidera – O fenômeno do desdobramento astral ocorre quando estamos em estado profundo de sono, ou seja, no estado REM. É aí que as

peessoas saem do corpo mais ativamente, e seus trajes físicos movem os olhos para todos os lados como se estivessem observando uma apresentação visual. Os músculos do ouvido médio também se movem durante as saídas do corpo que envolvem percepções auditivas (quando o espírito escuta algo), assim como o que foi bem frisado pelo nosso amigo, sobre os cientistas nos mostrarem que todo movimento supostamente em “espírito” ativa uma área cerebral correspondente. Ora, não é justamente isso uma prova fidedigna de que saímos do corpo quando dormimos, ao invés de ser um crédito para a visão desse fenômeno como um aspecto ilusório mental? É pelo fato de o espírito estar ligado ao corpo físico, através de um cordão prateado que não se rompe – somente ao morrer – enquanto fora do corpo, que seus movimentos no astral provocam o aprendizado cerebral. Aprendemos enquanto dormimos, isso o próprio Freud provou, pois é neste estágio que vagueamos sobre a realidade ulterior àquela que se iniciou no momento da origem de sua vida carnal.

É através da saída do corpo de forma consciente que se adquire a total certeza da existência do espírito e da continuidade da vida após a morte, o que fundamenta a importância de ensinarmos nossas crianças desde a mais tenra idade a saírem do corpo – uma vez que elas têm mais facilidade que os adultos já corrompidos – e a vagar autonomamente pelas outras dimensões.

Quanto mais Enzo nos explicava, maior era o público que nos assistia debater. Já não tinham apenas indigentes, como também homens de toda espécie e curiosidade. A possibilidade de podermos sair do corpo enquanto dormimos também foi fator contribuinte para instigar aqueles que eram seletos para o oculto. Admito que a ciência não me convenceu ao alegar esse aspecto de ilusão da mente, mas, tampouco um homem de aspecto abandonado com lençóis brancos e uma chinela poderia me persuadir. Certa vez encontrei passagens na Bíblia que falavam deste “fio de prata”, mas, quem não garante que ele fez uso dela para elevar uma teoria na tentativa de refutar os cientistas?

Varão – Bem colocado mestre! Olhem todos! Escutem-me! Observem os ensinamentos deste anjo que se posta sobre a rocha na presença dessa multidão! Pois ele se tornará imortal. E como todo ser que perpetua, ele vingará dessa perpetuação! Sendo assim, escutem! Pois não veio em vão aquele que por milênios a História lembrará!

Enzo de Aptidera – Luto pela minha existência no momento em que ajo para que a História se lembre de mim.

O povo cada vez se aglomerava mais, e, diante da situação, um destes engravatados se aproximou e perguntou-lhe como se empossava de fama. Enzo, aturdido, respondeu:

Enzo de Aptidera – Para chegar ao sucesso você só precisa ter uma ideia na cabeça e alguém para acreditar nela.

Então o engravatado mostrou-se impressionado com a capacidade de Enzo de conseguir obter tantos seguidores, e achou que fazia isto de modo tão astuto que o próprio se curvou e devotou grande admiração pelas suas proezas. E, observando aquela atitude mesquinha, respondeu-lhe novamente com um golpe de lição:

Enzo de Aptidera – Se você se impressiona com a capacidade de alguns e em nenhum momento pensa que pode ser melhor que eles, então fez por merecer o título de incapacitado.

Agora, talvez seja hora de colocar em prova aqueles que são fiéis, não a mim, mas à sede de novos horizontes, à vontade de embebedar-se com linhas de pensamento diferentes; pela necessidade de ensinar-lhes a pensar conforme a originalidade, que segue trilha individual e não coletiva, é que partirei e deixarei que decidam se caminharão junto a mim, tornando-se pouco a pouco solenes Aptideranos, ou retomarão vossas acanhadas vidas infrutíferas.

Assim, Enzo desceu da rocha com um pulo devido ao tamanho protuberante da mesma, e retomou sua caminhada. Obviamente, pouquíssimos o seguiram, e logicamente os mais quebrados, pois estes não tinham nada a perder. Quanto a mim, pensei o mais rápido que pude, antes que minha vista perdesse a mira neles, e decidi que tentaria a sorte em uma vida de perambulação com aquele ser místico e misterioso. Se eu perderia minha profissão e minha vida social? Talvez, tudo iria depender dos dias que iria passar com aquela manada. Mas, quando essa História acabar, perceberão que me contive em uma vida de natureza parecida com a da peregrinação.

CAPÍTULO II

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

“Vocês podem me ouvir?”, perguntou Enzo. “Vamos falar a respeito do autoconhecimento e da ignorância assim que encontrarmos o local adequado”. E o povo que o seguia escutava atenciosamente.

Toda vez que Enzo pronunciava algo ele olhava para trás para verificar se ainda estávamos ali. Por algum motivo parecia que ele não acreditava que poderia ter tantos fiéis. Mas, afinal, o que o fazia olhar tanto para trás e observar nossos movimentos?

Enzo de Aptidera – É aqui! – Apontando para um estádio abandonado. – Faremos nossas reflexões neste ambiente.

Conforme ele nos direcionava, todos foram tomando suas posições. Enzo de Aptidera era um sujeito curioso, ele não se permitia sentar no local mais alto, pelo contrário, nos guiou e colocou ao seu redor. Disse que não queria ser visto acima e nem abaixo de nós. Notei que Timótio e Varão também estavam presentes, mas, a velha da Anchieta nos abandonou! Entretanto, havia algumas pessoas totalmente diferentes e contraditórias para a ocasião. Ora, boa parte eram pobres, gente humilde que não tinha aonde depositar sua esperança, e colocavam toda sua fé diante daquela espécie de eremita que transmitia suas lições. Porém, no estágio também se fazia emergir alguns intelectuais que estavam ávidos por um debate. E assim começou a conversação.

Enzo de Aptidera – Quantos aqui ainda acham que se conhecem? – Nenhum Aptiderano levantou a mão, somente duas pessoas a ergueram. – Muito bem, vocês ou são grandes sábios ou são tolos.

Abdél – Prefiro ser considerado um sábio, pois, uma vez que eu lhe digo que conheço a mim mesmo, como ousa me chamar de tolo?

Enzo de Aptidera – Homem, todos nós temos segredos que escondemos de nós mesmos para que possamos viver nossa falsa realidade. Seria você prodigioso a ponto de não esconder segredos de si mesmo?

Varão, o poeta, se levantou imediatamente e logo soltou-lhes um poema a favor do momento.

Varão – “Não contes o que fazes,
Para mim ou para outrem.
O que guarda a sete chaves,
Quando vai, nunca mais vem...”

Abdél – E por que não? Quem garante a vocês que eu não me conheço? Passei toda minha vida em uma busca zelosa por conhecimentos, de modo tal que pude adquirir informações a respeito da natureza que duvido que alguém aqui também tenha. Assim, percebo e me assolo com a ignorância das pessoas aqui presentes, pois elas não sabem de nada do que fazem. Elas sim são dignas da constatação de não se conhecerem. Já eu, partilhando da observação contínua de meus comportamentos, sei exatamente controlar minhas ações e fazer delas somente virtudes. Por conseguinte, quando falho, vejo com grande valia a percepção do ato errôneo e trato logo de consertá-lo!

Enzo de Aptidera – Então faz algo que somente os grandes homens fazem, assumir um erro. É raro os que agem assim. Somente os mais lúcidos percebem que a perturbação cuja antecedência não se conhece deve ser investigada.

Abdél – Perfeitamente, e essa não seria uma conduta erguida tão somente por aqueles que se conhecem?

Enzo de Aptidera – Em parte, acredito eu. Você também falou sobre a ignorância que lhe emerge vinda das redondezas, pois bem, talvez a maior de todas elas seja a de não reconhecer a que emerge de si mesmo.

Abdél – Como ousa...?

Enzo de Aptidera – Eu não estava me referindo a você. Embora não seja caro fazer referência a si.

Abdél – E quem é este que pelo obscurantismo falta-lhe autoconhecimento? Seria um de vo...

Enzo de Aptidera – Espere um instante! Deixe-me te apresentar o conto do Sábio Holandês!

Novamente ele iria cantarolar um de seus contos, porventura o último não fora aquele o qual seus seguidores, ou melhor, os “Aptideranos”, rogavam para que ele dissesse? Pois bem, no tocante a este assunto nada mudou! Timótio e Varão gritavam e pulavam exigindo que se colocasse sobre a roda o conto do Sábio Holandês. Enquanto isso Abdél perdia a paciência com a cambada de doidos.

Enzo de Aptidera – Pois bem, se querem ouvir, aqui está. O Sábio Holandês caminhava com seus pupilos pelas colinas todos os dias durante décadas, sempre à frente dos mesmos. Um dia, porém, não satisfeito com a demora, o sábio pede, ainda de costas e jamais olhando para trás, que seus alunos andem conforme a

matemática que o mesmo havia ensinado. Então, o andar foi se tornando cada vez mais rápido, e ao mesmo tempo em que andava, afirmou:

– Aprendam comigo, ó! Discípulos. Pois o homem que domina a geometria, domina as formas, o homem que domina as formas, domina o tempo. O sábio da geometria, em um quarto escuro, sabe o que está acontecendo na ponta do corredor estreito de 4 lados diferentes.

Até que o sábio para, olha para as nuvens sob o céu e vê inúmeras partículas de partes de suas formações. Pergunta-se sobre a vista resplandecente: “Do que eu sou capaz?”. Logo ele entra em um estado profundo de introspecção com seu Eu, que diz para ele: “Nunca ande na frente de seus alunos, pois eles não devem alimentar o sentimento de inferioridade, assim como você, ó, Grande sábio, não deve alimentar sentimentos de superioridade. Nunca, sobre hipótese alguma, deixe que lhe chamem de sábio, ou estará impedindo os seus discípulos de acreditarem que podem ultrapassar seu nível de sabedoria”. Assim, pela primeira vez na vida o sábio olhou para trás, ficou em choque ao ver que não havia ninguém ao seu redor. Então, o mesmo se indagou se um dia houve alguém que lhe seguisse, ou se passou décadas a caminhar sozinho. Contentou-se e alegrou-se, pois logo percebeu que era louco, e sabidamente sabia que era o mais sábio entre os seus, pois, não havendo ninguém para competir com ele, pressentiu que a loucura de divagar somente consigo mesmo era a coisa mais sábia que já lhe acontecera.

Elpídio de Lacerda – Então este é o motivo de você, ao andar conosco até este Estádio, ter olhado subitamente e costumeiramente para trás? E, talvez, também seja o de não aceitar ser chamado de sábio...

Enzo de Aptidera – Pois bem, agora sabem – me ignorou completamente – que o verdadeiro Sábio é aquele que não julga saber mais do que os outros, e, por assim constar, ele volta-se primeiro para si e exclui com isto a avaliação difamatória sobre terceiros. Quando digo “volte-se para si” entendamos como a busca pelo autoconhecimento, e este só é possível pela noção de que se sabe nada sobre si mesmo, ao contrário do que afirma o referido Abdél. Quando afirmo “exclua com isto a avaliação difamatória sobre terceiros”, me refiro sobretudo ao nosso amigo prepotente – direcionou sua mão a Abdél – que nos chama de ignorantes olhando o estereótipo, sem, contudo, verificar com atenção nossos conhecimentos.

Façam como o Sábio Holandês, não sintam-se melhores que os outros a ponto de andar à frente, pois aprende mais aquele que erra do que o vitorioso, e, assim como ele, não deixem que te coloquem sobre um pedestal, chamando-o de sábio.

Abdél – Você me agride e me provoca! Minha cólera fermenta pela sua

grosseria, e ainda assume papel de mestre e conselheiro espiritual? Será que não convém dizer a essa insana plateia que eu me senti ofendido, para que vocês, ó, tolos, possam perceber quem está lhes enganando? – Apontou para Enzo de Aptidera.

Enzo de Aptidera – A ofensa só causou abatimento por nela haver verdades, além disso, você disse ser capaz de assumir um erro, vejo que não lhe convenci de colocá-lo na mesa.

É parcela fundamental da falta de conhecimento de si próprio a busca por conhecimentos na tentativa – muitas vezes perpétua – de tentar saber quem se é. Se o homem age convicto de que sabe sobre sua pessoa, ele tende a ficar na inércia e no vazio egocêntrico por acreditar não ser necessário aprender e adquirir mais informações, pois, afinal, ele “sabe quem é”. Todavia, os únicos e raros que vieram a este mundo e dominaram a descoberta completa sobre seu ser, transformaram este globo e ensinaram-nos, trazendo novas descobertas para sua raça, pois, aquele que sabe exatamente e verdadeiramente quem é, não precisa mais absorver, mas sim passar o conteúdo às massas ofuscadas.

O homem, sendo produto do Universo, é inerente a ele. Nosso planeta foi formado por poeira espacial, nós, fazendo jus das nossas existências, somos produto da própria poeira inserida sobre o globo o qual nos alimenta e nos dá vitalidade. Não se esqueçam de que nosso planeta está completamente vivo, e ele também apresenta seu ritmo evolutivo assim como tudo que abunda vida. Não obstante, se somos seres universais, tendo a nossa natureza microcósmica total semelhança com a natureza macrocósmica, necessário se faz que conheça todo o Universo aquele que busca conhecer a si mesmo. Ou, partindo do micro para o macro: que conheça a si mesmo para, assim, conhecer todo o Universo. Como bem sabemos que a ciência ainda está longe da máxima, e dada a noção de que é um homem que alimenta o intelecto através de inúmeros conhecimentos, poderia talvez deslumbrar um maior autoconhecimento através das informações que absorveu sobre tudo que preenche o cosmos. Estou certo?

Abdél – Certíssimo. Foi como falei anteriormente, sou um homem curioso e por gostar de adquirir muitas informações é que me conheço.

Enzo de Aptidera – Seria uma alternativa, mas ela serviria tão somente como acesso à nossa segunda opção (conhecer-se internamente). Pois, tendo o homem o conhecimento externo muito limitado devido a este ser atingido somente com os sentidos, resta-nos em nosso período atual de desenvolvimento, partir para o interno.

O indivíduo é um fragmento, uma contração cujo objetivo está na tentativa de reintegração com o Todo, e não em seu isolamento, como você bem defende. Estamos em total dualidade: o macro e o micro; o externo e o interno; centrífuga e centrípeta. A única maneira de saber quem é você por essa perspectiva centrífuga é atingindo a essência de tudo, e não somente alguns conhecimentos

aqui e acolá, em outras palavras, é absorvendo toda a matéria dual contida na unidade. Sendo assim, requer um nível cognitivo extremamente além da nossa imaginação, capaz de apreender todas as ciências existentes no infinito e contê-las em uma única substância, assim se conseguiria entender seu próprio ser pelo funcionamento do Logos.

Abdél – Seu raciocínio é profundo, porém, isento de lógica. Nós, seres-humanos, ainda estamos em um estado primitivo e selvagem. Ora, como quer que uma das vias para o autoconhecimento seja dada pela absorção de todas as ciências em suas máximas, impedindo com isso de nos conhecermos por sermos limitados? Seria muito injusto, uma vez que nosso nível cognitivo é pobre em competição com esse que atribuiu sua imaginação. Portanto, me apraz o pensamento de que podemos saber quem somos conseguindo a máxima de nosso potencial atual, e não aquele equiparado ao potencial universal.

Enzo de Aptidera – Somos o espelho e à semelhança do organismo cosmogônico, por isso precisamos compreendê-lo para que possamos nos entender. Coloquei limite no nosso alcance e no ritmo com que absorvemos as informações somente pelas vias sensoriais, mas não pelas extra-sensoriais. Somos parte da natureza, pode-se contemplar e investigar o Todo pelo engenho do olhar visionário. Sendo membro integrante insubstituível, é direito individual ter acesso à fonte, só assim se é livre e digno de autoconhecimento. As informações que fazem apologia a estes fins – o estudo e o alimento do intelecto –, é dever adquirirmos, pois servem de apoio e de alavancagem para conseguirmos entrar na concepção do uno, bem como entendermos que tudo provém dele e está contido nele.

Abdél – Então essa é sua segunda opção? A de olharmos para dentro de nós mesmos, e pela investigação acirrada do micro termos totais privilégios no conhecimento dos vestígios do macro? Nosso ímpeto centrípeto deve ser mais fomentado que o centrífugo? Certo, e como exercer essa proeza? Você deve ser um daqueles ditos gurus que ensinam a meditação e o esvaziamento da mente para se alcançar o nirvana.

Enzo de Aptidera – Somente anseio que seja um verdadeiro contemplador. Quando analisa o aspecto material sem enxergar sua essência, apenas vê a sombra, e por isso se percebe uma pobreza de espírito nesse tipo de observador. Outro alguém contempla a natureza enxergando nela o poder tenaz da criação; este consegue solapar as visões turvas da maioria através da compreensão do uno, de sua substância e infinidade; pela qual tudo se presencia e a formação de tudo se dá. Evidentemente não basta olhar uma planta e ver seu formato. Os conhecimentos que você, ó, Abdél, adquire, servem para entender que a planta tem uma natureza microscópica e é alimentada pela macroscópica. Isso em si é uma ajuda, como uma porta de entrada para a verdadeira

contemplação. Aquela pela qual o indivíduo olha a planta e percebe que sua matéria visual primária é constituída de um princípio presente em todas as coisas. Em suma, contemplar é considerar no objetivo individual o Todo. Uma característica inata de espíritos puros, mas sobretudo dos filósofos, que criam, amam o saber e se desapegam das vicissitudes mundanas. A verdade está em todo lugar, mas basta a ignorância para impedir que ela seja vista.

Abdél – Então a única maneira é a transcendência? Ah, que pobreza seria alguém viver no engano, a menos que buscasse de maneira desconhecida uma experiência transcendental.

Enzo de Aptidera – Não se busca transcender, a procura é por conhecer a si mesmo, assim como todas as coisas, de mãos dadas com a humildade, isso já faz com que a experiência transcendental busque você. Além disso, não é necessária uma vivência extrassensorial para alcançar a contemplação do uno, o mestre Jesus disse: “Deus está dentro de você e ao seu redor, e não em castelos de pedra ou mansões de madeira. Levante uma pedra e encontrará Deus. Quem souber o significado dessas palavras jamais conhecerá a morte”. Isso porque o próprio definia Deus como a unidade. E ao se referir a castelos e mansões, ele apenas critica aqueles cujo olhar está mais voltado para a natureza dual e tangível, sem conter a percepção do que lhe originou. E admitiu, assim como eu faço, que conhecer ela através da contemplação é conhecer a si mesmo, e deste modo você penetra em todos os desejos reprimidos no seu inconsciente e se liberta, sabendo por intuição e concepção afável sobre o funcionamento do Cosmos em sua máxima, sem precisar esperar para que a ciência chegue em sua totalidade.

Abdél entrou em profundo estado meditativo, enquanto isso eu me aproveitava da situação silenciosa para tirar minhas próprias dúvidas, pois me aticara a vontade de saber se eu era um homem perto de me conhecer ou longe.

Elpídio de Lacerda – Tenho vontade de ponderar, mas não sei se devo me abrir sobre tais questões aqui colocadas...

Enzo de Aptidera – Para se abrir para alguém, primeiro abra-te para si mesmo. Para abrir-se para si mesmo, primeiro conheça a si mesmo. Para conhecer a si mesmo, precisa enxergar o reflexo de sua alma e aprofundar-se no espelho de seus sonhos e ambições.

Elpídio de Lacerda – Comovedor. No entanto, como vamos saber o quanto conhecemos sobre nós mesmos?

Varão – Permita-me, no tocante a este tema, discorrer um outro poema:

“Não há mistério na vida
que permaneça velado.
A correnteza agita-se
pelo vento alado.
Se busco, naquilo culmino,
e na mente agita
o deslumbre do que é revelado”

Enzo de Aptidera – Belo poema – e todos bateram palmas a ele. – Agora, sobre a dúvida de nosso queridíssimo companheiro Elpídio de Lacerda, somente será sanada pelo “Mito do Reflexo”.

Coloquemos a imaginação à prova: coloque-se no alto de uma colina, num lugar cujo cume faça você conseguir enxergar uma divisa.

Elpídio de Lacerda – Divisa entre o quê? – Indaguei.

Enzo de Aptidera – Uma divisa entre a terra e a água.

Elpídio de Lacerda – Sim! Eu posso ver! – Entoei minha aguçada imaginação.

Enzo de Aptidera – Agora, pois, veja que na parte sobre a terra caminham homens de modo enfileirado. Já na água, a outra parte da divisa, devido à posição da luz, mostram-se seus reflexos.

Elpídio de Lacerda – Estou compreendendo, eles não conseguem enxergar seus próprios reflexos, apenas eu que me faço presente no cume calmo de uma colina.

Enzo de Aptidera – Ótimo agouro! – observou Enzo, enquanto continuava. – Agora quero que imagine que estes reflexos são o inconsciente ou a psique dos mesmos, mas eles não têm acesso a ele por não notarem a presença da sua própria reflexão. O único que pode compreender a verdadeira natureza de cada pessoa sobre aquelas terras é o homem que observa de muito além seus movimentos, pois consegue ver a divisa entre o Eu manifestante e a subjetividade que ali entoa.

Abdél – Certo – se intrometeu na conversa, – este mito está mais para um estudo sobre o comportamento dos outros do que para o autoconhecimento.

Enzo de Aptidera – Acalme-se e vai entender, para compreender a vida você deve partir de uma perspectiva multifocal. Adotando múltiplos pontos de vista.

Abdél – Então, sugiro eu, que o ato em voga de adquirir muitos conhecimentos externos pode servir para que eu obtenha conhecimentos internos através de uma outra perspectiva partida da primeira, que era externa, fazendo com que eu me conheça, tornando você uma contradição!

Enzo de Aptidera – Este modo de impelir o exercício é fortuito, você poderia sim se tornar um contemplador. Eu deixei isto claro anteriormente. No entanto, me refiro a um jeito diferente de praticar o ofício da mente. Essa será uma das minhas propostas mais polêmicas, no entanto, trará muitos frutos aos que acolherem ela.

Abdél – Diga-nos então, sobre o que é o enredo?

Enzo de Aptidera – Sobre o meu mais novo corpo de ciência criado, eu descobri uma nova linha filosófica que chamarei de “A ciência da Astropsiquê”.

Anônimo – Xii, pirou de vez! – Disse uma das dezenas de pessoas que se encontravam na arquibancada.

Abdél – Nos esclareça!

Enzo de Aptidera – A filosofia da Astropsiquê é o estudo dos astros, sendo eles de natureza macrocósmica, alinhada ao estudo do homem, sendo este último de natureza microcósmica. Tendo como finalidade compreender a subjetividade humana e revelar seu inconsciente coletivo através das leis que regem a astronomia e a física.

Abdél – Certo, agora nos exemplifique!

Enzo de Aptidera – Se desejam, eu o farei. Partirei primeiro analisando a questão de um buraco negro, e para tal me é exigido que eu o conceitue, pois aqui há muitos leigos que necessitam saber para compreender a minha ciência.

Pois bem, Buracos negros são estrelas com velocidades de escape superiores à velocidade da luz, toda luz que elas emitissem seria atraída de volta pela gravidade das estrelas. Assim, o buraco negro estaria em contração, se contraindo até um estado nulo e levando consigo as informações que caem nele. Portanto, se uma de duas partículas caísse no buraco negro, e a outra não, você só poderia saber que a partícula caiu, se observasse o movimento da outra, exemplo: se o movimento da partícula que não caiu for para a direita, certamente o movimento da outra inserida em um buraco negro será o contrário. Agora, quanto à forma de encontrar buracos negros, ela é obtida observando-se estrelas orbitando um espaço escuro, ao invés do sol.

Agora que sabemos um pouco sobre como funciona um Buraco Negro, precisamos de usar a perspectiva multifocal como bem frisado, e atribuir o

ponto de vista dessa lei ao ponto de vista da Psicologia, assim poderemos entender a natureza Humana e seus princípios.

Assim, partindo da filosofia que eu desenvolvi, se estudássemos e imaginássemos o ser-humano como uma estrela e as leis que regem o Universo, seu inconsciente (buraco negro) seria essa luz contraída para si mesmo. Sendo assim, só seria possível recuperar uma informação armazenada no inconsciente (partículas no buraco negro) se estudássemos as informações que estão fora dele, no consciente (partículas fora do buraco negro). Uma forma para encontrar uma pessoa agindo pela massa resultante de informações vindas do inconsciente (forma de se encontrar um buraco negro), seria analisando se seus comportamentos estão orbitando ao redor do próprio inconsciente (se os planetas orbitam um “espaço escuro”, representado como sendo o inconsciente). Deste modo é feita a associação livre, onde o paciente diz o que vêm à mente e o psicólogo tenta analisar se aquilo é fruto do inconsciente. E agindo em concomitância temos o astrônomo, que tenta observar no corpo de estrelas alguma que rodeia um espaço escuro.

Abdél – Impressionante! – Abdél possivelmente não demonstrou nenhuma contra argumentação. – Teria mais exemplos para nós? Talvez você realmente nos prove que tudo faz parte de uma só união, que toda a dualidade tende a ter os mesmos princípios e só saberemos captá-la através da contemplação das coisas ao nosso redor.

Enzo de Aptidera – Foi de boa fortuna ter me pedido mais exemplos, pois guardo comigo um segundo cenário que diz respeito a justamente isto e exige da imaginação de vocês uma abstração pertinente.

Partindo desta vez da natureza microscópica, também ligada à física quântica, para a natureza macroscópica (dos astros). Neste caso a micro será representada pelo homem, para o qual os astros são macro.

Pensem em uma partícula que seja a mais indivisível existente, talvez mais até que o neutrino. Ora, se neste exato momento bilhões e bilhões de neutrinos atravessam meu corpo enquanto eu explico isso, então, a partícula mais divisível existente, que precede e forma o neutrino, é a substância única que gera tudo, sendo como o próprio uno. Ela compõe e preenche todo o espaço e o tempo. Está em todo lugar. Porém, no momento em que começa a criar e gerar divisões, ela transforma o mundo em algo múltiplo e contrário pelos opostos. Assim, pela filosofia da Astropsiquê, observemos duas partículas, um elétron e sua antimatéria, quando ambos se chocam, criando dois fótons em direções opostas. O primeiro fóton não possui propriedades tais como spin ou velocidade enquanto não é notado por um observador; no entanto, no momento em que observadores medem o primeiro fóton, fazendo, com isso, que ele adquira um certo spin, o fóton secundário irá adquirir o spin oposto instantaneamente e mais rápido que a velocidade da luz, não importando a distância que os separe.

Olhando sobre a óptica de que as partículas microscópicas, geradas pela partícula mais indivisível existente, irão formar o corpo de matéria densa que cerca nossos sentidos, percebemos que a consciência humana capta a dualidade em uma realidade que na verdade é una, pois uno é o princípio primeiro gerador dessa condição dual. Todas as partículas têm partículas de antimatéria correspondentes com propriedades exatamente opostas, no entanto, a partícula mais indivisível existente, a primeira e a causa de tudo, não apresenta opostos; sendo isto também prova corriqueira de que além da matéria captada por nossos sentidos, está a forma verossímil da unidade que a gera. Porém, nosso corpo de consciência é munido de poder para atuar sobre os opostos através dos sentidos, a fim de vivenciar a existência do corpo universal e dar prova parcial da verdade, pela qual nós mesmos estamos passando pela experiência de progresso. Consentimos estas coisas como contempladores fidedignos, como vindas através de espécie de intuição, de que tudo tem a mesma Causa, Regência e Máxima.

Todos nós somos produtos fragmentados do Criador – a partícula mais indivisível existente, – sendo também partes dele e contidos nele, somos o próprio Deus. E sendo este último o gerador de tudo contido nele mesmo, se faz estar presente sua onipresença e onipotência, as quais não se vitalizam sem sua existência e nem você sem a dele: “Somos todos filhos de Deus, somos todos também Deus”.

O povo, aturdido, se excitava. Muito embora a maioria de modo vago, por não portar de educação, apenas sentia naquela conversa incompreensível um sujeito com capacidades altamente notáveis, assim supunham.

Abdél – Então, pelo que nos acaba de lecionar, podemos sintetizar pelo cunho ontológico que o Homem, sendo da natureza universal e produto do que lhe gera, do qual o aspecto gerador só o é na íntegra pela existência ali gerada, é capaz por direito e justiça de conseguir acessar a fonte criadora independentemente de seu ritmo evolutivo? Não obstante, nos esclareça: para nos conhecermos totalmente e imparcialmente devemos acessar o uno, compreendê-lo ou contemplá-lo?

Enzo de Aptidera – Vejo que está se tornando um Aptiderano! – Enzo se levanta enfaticamente e começa a caminhar para fora do estádio – É bem assim, praticamente ninguém se conhece realmente.

Enzo de Aptidera falava e ao mesmo tempo andava com um rumo incerto, induzindo-nos a segui-lo se quiséssemos ouvir sua finalização sobre o tema discutido. De início, somente os mais fiéis o seguiram, a grande massa confusa não sabia o que fazer. Por fim, boa parte caminhou ao seu lado e escutou ansiosamente.

Enzo de Aptidera – E os únicos que chegaram perto de se conhecerem

foram aqueles capazes de alterar a matéria pelos seus ideais e provocar uma mudança no mundo. Pois o impacto gerado por uma revolução guiada por apenas um indivíduo é resultante da capacidade rara de se autoconhecer, que o faz efetuar sua missão na terra de forma impetuosa. Grandes mestres como Buda e Jesus só o foram porque em determinado momento de suas vidas alcançaram a peça rara do autoconhecimento, provocando uma mudança brusca no meio dual pelo acesso ao uno que os mesmos se capacitaram para fazer. Jesus libertou o Deus que há nele enquanto aprisionamos o Deus que há em nós. Fenômeno raríssimo e que demonstra o quanto nada sabemos de nós mesmos, por isso: “Vença a sombra de si mesmo e estará preparado para o mundo!”.

CAPÍTULO III

ENTRE ATEUS E RELIGIOSOS, SOBRE DEUS

ENTRE ATEUS E RELIGIOSOS, SOBRE DEUS

Passamos horas andando com Enzo pela cidade sem saber para onde estávamos indo. Para tornar a situação mais trágica, Enzo andava à procura de algo sem se importar conosco, era como se ele estivesse vivendo sua vida individual longe da primazia que comumente é gerada por se ser uma espécie de líder. Tampouco se importava com o papel de guia. Porventura ele mesmo não especificou isso no seu conto do sábio Holandês? Alegando que só é sábio, segundo seu ponto de vista, aquele que não deseja ser tomado como um, muito menos seguido enquanto fica na frente e de costas?

“Em nome do senhor Jesus! Salve essas pessoas jazidas na ignorância e que estão longe da beatificação!”; fez-se ouvir com uma voz altissonante pela rua pela qual estávamos passando. Rapidamente Enzo nota que há ali o que se trata de uma igreja lotada de fiéis. No mesmo instante em que o padre rogava sua missa, Enzo bateu com força sobre a porta fazendo-a se abrir, e gritou de volta sem formalidade, mas querendo participar ao invés de refutar.

Enzo de Aptidera – Orem por nós os que ascensionaram desta vida mais do que lhes oremos, pois em matéria se verifica mais sofrimento do que em espírito!

Padre Fidalgo – Com que respaldo garante suas premissas? – Interrompe a oração para o debate enquanto os fiéis viram o pescoço para olhar o sujeito estranho com sua manada a invadir aquela igreja.

Enzo de Aptidera – Com seus próprios raciocínios, uma vez que no paraíso bíblico não se encontra vestígio de sofrimento algum. Por acaso não está me reconhecendo, Padre? Sou Dante, visitei os reinos inferiores e seus opostos, fiz isso através da saída extracorpórea bem-dotada e explicada aos irmãos que me saúdam, os Aptideranos – apontou-lhes a mão. – E, todavia, lá, no inferno, no umbral ou no Hades, constando a preferência da eloquência, faz-se notar mais sofrimento do que aqui. Deste modo é necessário que oremos por eles. Entretanto, no paraíso, no reino celeste, estão todos longe do sofrimento e da dor que a matéria concentra nitidamente, por conseguinte, nossa obrigação em orar para um finado é ínfima quando comparada ao dever deles de velar e proteger os que aqui ainda estão.

Padre Fidalgo – Nós, aqui desta igreja, seguimos as orientações bíblicas e velamos pela oratória àqueles indivíduos que pereceram e ainda estão a mercê da salvação, a fim de guiá-los todos. Se quiserem, podem se sentar e nos assistir, pois a casa de Deus é de todos.

Sorromeu – Vejo que entre nós, Aptideranos, existem homossexuais, e que entre vocês, fiéis, existe a repulsa. Eles são aceitos na casa de Deus?

Sorromeu, que estava entre nós, de longe não poderia ser considerado Aptiderano, era um Ateu fervoroso e cético por nascimento. Mas, contudo, seu entrave tocou-lhes à espinha e serviu para um debate assíduo entre três pessoas: o Padre Fidalgo, sendo pobremente perturbado em seu trabalho; Enzo de Aptidera, muito bem apresentado; e Sorromeu, consolidado neste ínterim.

Padre Fidalgo – É como bem disse, nosso veículo e corpo de raciocínio se fundamenta nas escrituras, e o que vem dela nos revela que é um erro seguir a via da homossexualidade. Porém, como todos os bons cristãos, respeitamos, não temos nada contra e somente nossas crenças depositam neles infelicidade e ruína quando deixam a vida.

Enzo de Aptidera – Os homossexuais também podem entrar no Reino dos Céus!

Padre Fidalgo – Estamos longe de partilhar dessa opinião.

Enzo de Aptidera – Então eu lhes explicarei meu raciocínio. Nosso amável planeta Terra, a mãe de todas as criaturas nela inseridas, sofre pela superpopulação, característica irrefreável da natureza selvagem humana que sempre trata logo de se reproduzir e acasalar. Hoje esse risco é uma iminência. Todavia, existem aqueles que se unem sem possibilidade de reprodução e que partilham do bom senso da adoção de crianças abandonadas. A natureza certamente é maravilhosa, e como tal ela concede, em vista do risco da extinção da nossa própria espécie, a incumbência de dotar os novos descendentes da raça humana em uma variação contínua a fim de tornar-lhes homossexuais, para com isto preservar a espécie, impedindo sua multiplicação e atenuando a superpopulação em seu habitat.

Sim! Enzo era louco! Embora muitas teorias suas fossem delírios, pelo menos ao meu ver ele tinha nisso uma razão protuberante.

Sorromeu – Apesar de achar um absurdo as críticas e condenações efetuadas contra os homossexuais por aqueles que dizem que somos todos feitos à semelhança de “Deus”, assim como alegam sermos todos filho do próprio e amados pelo mesmo, tendo dever pertinente de amar-nos uns aos outros, acho mais absurdo ainda e um tanto quanto hilária sua tese. Ora, isto está mais para variação e mutação errônea e grotesca da teoria Darwinista. Se o mesmo estivesse vivo, novamente morreria. Por acaso não sabe que a homossexualidade

provém do excesso de alimentos com hormônios injetados, dos quais o homem se alimenta diariamente?

Enzo de Aptidera – Apesar de eu ter inventado essa ideia há pouco, mais absurdo ainda é um ateu que corporifica sua ideologia e presunção nas ideias de Darwin. Pois, ao ler a origem das espécies – se é que leu, muitos ateus usam palavras chaves concedidas por um intelectual ateu precedente – percebi que o mesmo acreditava com veemência em Deus, mas não com o mesmo ponto de vista dos religiosos aqui presentes, e sim numa espécie de Criador cuja essência se insere na perfeição da natureza, e isto ele deixa bem claro divinizando a própria natureza em seu livro.

O homem é um criador, a inteligência máxima e total se centra na criatividade. Afinal, o que nos diferencia das outras espécies se não o ato de originar as coisas e seguir novas vias de comportamentos e padrões culturais? O homossexual, por sua vez, é criativo, foge da natureza primeira e instintiva das outras espécies no momento em que passa a sentir atração pelo mesmo sexo. Ir contra um homossexual, homem da mesma espécie e semelhança, é se incomodar com as diferenças que o separam do rebanho, é ser como os mesmos indivíduos que queimaram Giordano Bruno, por defenderem o que é comum às massas e repudiarem os que se distanciam dela.

Sorromeu – Sobre Darwin, não irei ironizar novamente o fato de não se encontrarem essas crendices que você disse no livro dele. Agora, quanto ao assunto subsequente, seu raciocínio quanto ao ato de criar é mais lógico do que aquele remetido à seleção natural. Embora ainda assim tacanho.

Enzo de Aptidera – Então defende o ato de criar e o ser um criador como a maior aproximação para com a inteligência última?

Sorromeu – É possível, uma vez que os grandes gênios eram criadores, e a ciência avança conforme as descobertas.

Enzo de Aptidera – Isto mesmo, logo, o homem cria, e do ateu resulta o maior ceticismo quanto à criação. Os fiéis têm de concordar, é incompreensível ver um criador duvidando da própria criação do Universo e da vida.

Sorromeu – Sobre o ato de criar, o que este assunto mede não interessa, pois, uma coisa nada tem a ver com a outra.

Enzo de Aptidera – Diga isso quando parar de defender aquilo em que os outros acreditam e ser o originador de suas próprias ideias. Só assim saberá do que estou falando.

Padre Fidalgo – Permita-me lhes interromper.

Enzo de Aptidera – À vontade, a igreja é sua.

Padre Fidalgo – Deixem esta casa para conduzir vossas discussões lá fora. Suas duas teses sobre os homossexuais são totalmente contrárias ao desejo de Deus.

Enzo de Aptidera – Se não concerne à minha opinião, suponho que acreditem, então, que eles arderão no fogo do inferno?

Padre Fidalgo – Exatamente e infelizmente.

Enzo de Aptidera – E, deste modo, o amor de Deus se arrufou em ódio incontinente? Saiba que o ser-humano ainda está em um estado primitivo de evolução, no entanto, está ascendendo conforme o tempo e alterando sua inteligência e cognição para algo inimaginável. Certo, essa inteligência é representada em seu auge pelo ato criador, mas, sobretudo, pelo comportamento ético e moral. Os grandes gênios que passaram pela terra demonstraram uma aversão ao sexo e à gula de modo tal que se afastaram dos instintos primitivos, que, em outras palavras, quer dizer tão somente: excesso de desejo, que afinal é muito criticado pela sua religião e muitas outras (como a budista).

Agora, quanto ao veredito, observemos com exatidão, o ódio e o rancor, assim como a agressão, são condutas inerentes a espécies que agem pelos instintos naturais, seguindo um padrão uniforme e nada criativo. Inclusive, quando o indivíduo não se embesbeia com educação, ele fica mais propenso aos vícios e a estas condutas. Ora, notemos novamente, Deus seria um ser pessoal dotado de instintos primitivos e das mesmas condutas mesquinhas e inferiores, que se corporificam na natureza que ainda está em estado de desenvolvimento? Então seu Deus não é absoluto e está longe da máxima creditada ao que merece. Na verdade, ele está muito mais próximo do comportamento animalesco humano e de outros à parte do que daquilo pelo qual tudo foi originado.

Padre Fidalgo – E o que seria Deus para vós?

Enzo de Aptidera – Sendo Deus algo que foge da nossa compreensão, pelos limites de nosso intelecto, então o mesmo é infinito. Como infinidade não deve ser digno de atribuições iguais aos nossos comportamentos ou semelhante à nossa acanhada imaginação, pois, se a nossa mente e intelecto são limitados, como poderemos compreender o Todo? Sua definição se deve mais pelo fato de sua presença ocupar cada corpo e átomo, tal como matérias inacessíveis no todo. Deus é o incompreensível para nossa mente limitada, e devido a isso é que carregamos em suma dívidas com o nosso intelecto, tendo que ir atrás do

encontro com ele através da absorção de conhecimentos, alimento do raciocínio, experiência transcendental, e apreensão da sabedoria.

Sorromeu – Vocês só podem ser burros mesmo! (Afirmção contra os religiosos, e não contra os Aptideranos, muito embora Sorromeu não acredite em Deus, enquanto os Aptideranos sim). Como conseguem acreditar em um Deus culminado no ódio e na ignorância? Não veem o terror que se espalha pelas terras e que desgraça nossos viveres? Como pode tanta tragédia? A humanidade é má por natureza!

Enzo de Aptidera – Chama-os de burros, de fato deveria, é de seu tipo (cético ateu) a prepotência de se achar superior por não acreditar em Deus. Um desafio que poucos temem, muitos se baseiam na Idade Média. Mas vejo que você, ó Sorromeu, se baseia na concepção única de Deus dada pelos fiéis de uma religião própria, sem adotar a perspectiva de um Criador totalmente diferente daquele conceituado pela massa rude. Prefiro nada saber a julgar saber tudo. Deixe a natureza humana fora disso! Você tenta colocar a natureza humana neste contexto porque considera Deus como pessoal, bem como nossos amigos religiosos aqui presentes. Veja, é provado cientificamente que o homem está se tornando cada vez mais ético e mora, mas, vossos olhos fixam-se imóveis sobre o que a mídia vos dita. Porém, a crueldade era muito mais inerente à nossa raça no passado, nunca houve um momento tão pacífico como esse através do processo de civilização. Convém salientar quanto à época em que surgiram as impressões: os livros se multiplicaram e a taxa de crimes e mortes diminuíram muito conforme milhares de pessoas começaram a adotar o hábito da leitura. Em suma, continuarei persistindo que, quanto maior a inteligência, mais ético e moral será o ser. Então, o ódio nada tem a ver com o estado último, a essência do princípio primeiro responsável pela criação de tudo.

Sorromeu – Tem certeza que vai entrar nesse entrave comigo? Pois toda vez em que solto as rédeas, cada cavalo segue seu rumo, e até mesmo os melhores cavaleiros se cansam ao tentar domá-los.

Enzo de Aptidera – Pode soltá-las.

Sorromeu – Você afirma que sou prepotente e que prefere nada saber. Dado seus comentários e suas imposições, eu digo que você é o mais egocêntrico entre nós. Bem lhe disse acima que os grandes homens eram criadores. Aliás, por que acha que falei isto? Justamente porque os grandes cientistas, especialmente do século XX, eram ateus.

Enzo de Aptidera – Sim, eles eram. E o que isto tem a ver com saber ou não da existência de um Criador por se ter certeza disso devido a se ter vivenciado, como eu, sua contemplação através de uma experiência real?

Venho tentando instigar-lhe a adotar outras versões de Deus, longe daquela pessoal catalogada pelos extremistas. Pense comigo, você, homem superior e portador das mesmas ideologias que os “grandes homens” da humanidade, por acaso sabe que Giordano Bruno, Copérnico, Viterbo e Nostradamus enxergavam a natureza como um segredo a ser decifrado para que com ela fosse possível a perfeita comunhão espiritual e corporal, levando-lhes à essência Deísta? E quanto a Einstein, que via Deus como algo cósmico? Para Descartes, o precursor da ciência a que você faz apologia, a existência de Deus é tão evidente quanto o fato de que um indivíduo, ao raciocinar, torna-se necessariamente um ser pensante. Spinoza sabia contemplar do ponto de vista da eternidade. Ele estabeleceu uma correlação entre Deus e a natureza. Ele via Deus em tudo que existe, e tudo que existe em Deus. Locke dizia que a existência de um Deus repousa na razão humana. Ele falava que o reconhecimento de um Criador pelos homens tem raízes na razão. Daí se tira o modo como contemplamos as coisas ao nosso redor. Kant falava que o mínimo necessário para a moral humana eram os pressupostos de que os homens têm uma alma imortal, de que existe um Deus e de que os homens possuem livre-arbítrio. Leonardo da Vinci era maçom e para isto é necessário acreditar em um arquiteto universal.

Talvez por isto realizaram tantas coisas. Contudo, muitos dos seus tão idolatrados eruditos do século XX não conseguiram grandes coisas, foram muitos nomes e mais eram exaltados por respeito do que por magnificência. É possível que a causa seja a falta de fé.

Padre Fidalgo – Sem a fé não somos nada, no entanto, com ela, basta acreditarmos que o nosso senhor vem ao nosso socorro, por isso trabalhamos com a esperança.

Varão – O que conta da esperança
Deixa afetos de solidão
Ora, mas tal pobre esperança
Você levará até ao caixão! – E o povo aplaudiu, ao menos os Aptideranos.

Enzo de Aptidera – Padre, a fé não é uma crença, é uma certeza. Por isso boa parte dos fiéis passam a vida inteira em estado de não-realização pela sua fé. Sendo assim, o que é a certeza? É agir, e o criador é o que mais se perpetua sobre as redondezas da fé, só muda o mundo criando, consequência inexorável do espelho de Deus é o homem que se torna um criador. Pelo processo de originar novas ideias e pela labuta de concretizá-las ele vivencia os mais recônditos percalços da fé.

Sorromeu – Basta! Basta! Vocês estão apelando à ignorância com suas crendices sobre a fé e a oração. Vossas superstições irão fazer ocorrer convosco

exatamente o que se acometeu entre os bárbaros: os maiores genocídios! Me recuso a partilhar as minhas ideias vendo vocês agredirem elas com estes assuntos ignóbeis.

Enzo de Aptidera – Jesus ensinou coisas maravilhosas para que você não dê ouvidos. Tampouco a oração é um apelo à ignorância, muito menos a fé. Pois por mais que suas premissas fossem verdadeiras (falando aos ateus), imaginemos um homem que reza, ele estaria falando em vão? Sabemos que quando o homem ora ele pede perdão pelos seus erros, isso seria um ótimo auto psicólogo para remediar e fazê-lo tentar conhecer a si mesmo através da revelação de suas inquietudes. E quanto às escrituras há muito negligenciadas pelos de sua ladainha: saiba que em todo canto há verdades, e muitos como você nem mesmo leram a bíblia e a julgaram embasados nas atitudes de religiosos ignorantes. Agora, como um homem como você, que defende somente a ciência, age de modo tão anticientífico? “Não há experiência real nas palavras que agridem um objeto ainda não alimentado”. Abra mais sua mente, pois há verdades em todos os lugares, nos mitos, nas religiões e na ciência; assim como há inverdades nelas também.

Naquela interação, o padre e os religiosos se agitaram em felicidade pelo ataque inexoravelmente ganho de Enzo sobre o ateu, de modo que o padre não se conteve.

Padre Fidalgo – Fortuita é sua palavra, meu filho. Diga-me, como crente, tem alguma religião? Ó, excelentíssimo fiel do salvador.

Enzo de Aptidera – Não sou um crente, já lhe disse que a fé é uma certeza. No tocante a este assunto, eu experimentei pelo Êxtase a ação divina de contemplar o uno e o aspecto da criação, então me convém lhes dizer que não creio, mas tenho certeza de sua existência.

Sobre a ponderação, estudei e encontrei em todas as teologias a mesma verdade. Porém, me comprazem as ideias tenazes dos antigos Egípcios; Astecas; Maias e Incas. O ato de endear o sol e a chuva, entre outras coisas partilhadas por eles, era uma forma de demonstrar que em tudo os mesmos viam uma força viva, em diferentes níveis evolutivos e formações quanto à alma.

O sol é uma consciência viva e evoluída, encarnada neste mundo e pulsando radiações de energia ininterruptamente. É o sol o Deus do nosso sistema solar!

Anônimo – Você além de doido é radical!

Enzo de Aptidera – Não há sábios normais; tampouco há normais loucos. Por conseguinte, não existe loucura sem radicalismo. Consequentemente todo sábio é um louco radical.

Sorromeu – Por cristo, seu senhor, você é louco mesmo!

Enzo de Aptidera – Das pessoas ao meu redor sou eu quem mais convivo com a loucura, ao mesmo tempo entre elas eu sou aquele que, ironicamente, contendo maior lucidez.

Padre Fidalgo – Então, meu filho, em vista dessa aclamada discussão, vendo que ela pode ter sido uma intromissão do destino conduzido pelo Pai, é que lhes peço com favor e nobreza que se retirem deste recinto. Deixem nossa casa, pois percebemos que não conseguiremos convertê-los.

Enzo de Aptidera – É com dever que os Aptideranos obedecem sem ódio e nem discórdia os desejos de nossos irmãos. Entretanto, quanto aos ateus e religiosos fanáticos, ambos não produzem ideias originais de seu ser no que diz respeito às crenças em Deus e na espiritualidade, mas em vez disso se embasam nas verdades e teorias já existentes, o que lhes torna prepotentes; se ao menos buscassem uma verdade própria, tentariam se conhecer e se tornariam humildes ao perceber que nada sabemos ainda. Ao menos parariam de defender suas causas com ideias produzidas por outros, de datas que remetem a um passado que não compete mais com a nova perspectiva científica e filosófica.

Os religiosos fanáticos se satisfazem somente com as escrituras e os ateus extremistas somente com o que o materialismo lhes diz. Vocês se acham certos por falarem o que aprenderam com os outros. Eu acredito que estão errados por não dizerem o que aprenderam consigo mesmos.

Nós, os Aptideranos, propomos uma reforma na constituição filosófica do que é Deus. Em primeiro lugar, queremos a adoção do raciocínio sobre o Absoluto, em comparação com o Limitado. Sendo o homem um ser em estado evolutivo e progressivo que se encontra ainda em condições primitivas se comparado ao seu devido potencial. Sendo Deus algo que foge do limite de nosso intelecto por ser Absoluto e Infinito (e por ainda estarmos nesse estado de expansão evolutiva). Em segundo lugar, que este Absolutismo Infinito não tenha sua concentração total na particularidade de matéria a que se chama Homem e Animal, isentando-se das emoções e comportamentos mais laicos, como o ódio e o rancor, deixando de ser pessoal e à semelhança do Homem no significado figurativo. Em terceiro lugar, o homem, como corpo de consciência em desenvolvimento e progressão da inteligência, que nada mais quer dizer que “criatividade” e o ato de “criar”, É à semelhança de Deus, porém, somente se equipará ao mesmo em seu estado máximo evolutivo, podendo alterar a matéria e os átomos e se interconectar com tudo à medida que atinge um poder cognitivo infinitamente maior do que o do estado atual. Em quarto lugar, que não só o Homem como toda a matéria constituída no Universo é semelhante a Deus em diferentes estados. Pois estes estão na dualidade, e o Criador, sendo o uno

subsequente ao duplo, é a essência de todas as particularidades fragmentadas, tendo, todas elas, ele como seu princípio operante e sua infinita causa.

Sejam inovadores, tenham suas próprias ideologias, façam como seu princípio de inteligência e criem, tal como a imaginação aguçada de uma criança. Pois, a inocência das crianças faz com que andem em curva na calçada reta. A impureza dos adultos faz com que os mesmos aprendam a andar em reta na calçada curva, e vejo vocês no atributo segundo, enquanto os Aptideranos estão no primeiro.

E deste modo ele deixou a igreja. Talvez, acredito eu, tenha sido de forma heroica, pois, ironicamente, o seu bando lhe seguiu juntamente com uma cambada de fiéis da igreja que pareceram, no entanto, ter se convertido ao grupo de Aptidera. Novamente Enzo tomaria um rumo incerto para nós, e não sabíamos se o caminho trilhado também era visto como uma incerteza por ele.

CAPÍTULO IV

SOBRE O FUTURO

SOBRE O FUTURO

No início do anoitecer, Enzo olhou para o céu e passou a adotar uma direção voluntária, agitado e com passos rápidos, nunca imaginaríamos que se trataria de um compromisso. Ora, ele não era um moribundo? Passou o dia perambulando e agora tinha uma hora marcada? Eram estas coisas que deixavam todos nós atônitos!

Os minutos passaram, entramos em um jardim público perto de um cemitério, o clima estava ótimo, todos nós estávamos empolgados! Naquele momento já éramos ávidos pelo misterioso, não havia mais limites depois que nos foram apresentadas outras perspectivas sobre assuntos distintos. No entanto, ficamos mais chocados ainda ao entrarmos nas profundezas daquele jardim. Enzo se aproximava de uma lamparina, lá havia uma mesa branca com 3 cadeiras e um gramado. Na mesa, para nossa surpresa, estavam dois senhores bem vestidos e que estavam à espera de Enzo; sentamos todos na grama, esperando pela conversa entre eles, pensando sobre o propósito daquilo tudo.

Jertúlio – Enzo de Aptidera! Você veio! E vejo que trouxe uma cambada contigo, por favor, queira se sentar e coloque-os ao seu lado.

Babito – Então este é o famoso Enzo de Aptidera? Bem que você disse que se trata de um homem excêntrico – referindo-se às roupas e a nós.

Jertúlio – Calma, rapaz, não julgue pelas vestes, pois sob elas se esconde o corpo, e sob ele a alma. Além disso, conheci Enzo há pouco tempo, mas, suas impressões geradas me foram de grande valia, de modo tal que o convidei para sentar-se conosco nesta mesa para que possamos dialogar sobre os assuntos que convir ao mesmo discernir.

Enzo de Aptidera – Não serei eu quem optarei, por favor, digam-me o que querem saber.

Babito – Você não é profeta? Pois bem, fale-nos sobre o futuro.

Enzo de Aptidera – O que tem ele?

Babito – O que vai acontecer?

Enzo de Aptidera – Muitas coisas.

Babito – Nos defina!

Enzo de Aptidera – Irão acontecer muitas coisas que sua imaginação é impossibilitada de enxergar, e, dependendo do quanto capta o abstrato, dificilmente vai aceitar o que está por vir.

Jertúlio – Creio que dificilmente, Babito é um historiador e está habituado com a visão de que, em um tempo presente, as pessoas negam ideias que estão além e sempre revolucionam o futuro. Sendo assim, se você nos diz algo extrapolado para uma mente comum, trataremos de achar que é possível.

Babito – É como Jertúlio bem diz, fique tranquilo quanto às suas profecias.

Enzo de Aptidera – Certo, então falarei primeiro das coisas inimagináveis para o momento presente. Depois, de como será o homem e o que significa evoluir.

Começando pelos próximos 100 anos. Não saberei lhes dizer a data exata, de modo que uma dúvida quanto ao tempo não será sanada alegando “isto se efetuará no ano de 2073; aquilo se permitirá na década de 90 do primeiro século do segundo milênio d.C.; etc.”. Contudo, posso lhes dizer com medição e orgulho a respeito dos fatos que serão imputados à realidade humana nestes 100 anos.

Babito – Veja, assim é fácil, posso dizer-lhes que daqui 1 bilhão de anos o Planeta Terra deixará de existir, e ninguém estará vivo para ter certeza, acreditando em minhas palavras e me beneficiando com um título de bom agouro.

Enzo de Aptidera – Não seria grosseiro a esse ponto. Acresce que em meio a um século muitos aqui poderão estar vivos para presenciar, essa é minha intenção e está totalmente oposta ao seu raciocínio

Babito – Tudo bem, estamos curiosos, comece a nos dizer. Mas não fale que dia irei morrer, muito menos se partirei afogado, açoitado, queimado ou esfaqueado.

Enzo de Aptidera – E nem poderia! Agora, quanto ao nosso tema, um dos acontecimentos que nos aguarda é o do total bem-estar quanto à saúde. O ser humano não terá mais problema algum com nenhum tipo de doença. Outros problemas a serem sanados serão o da fome e o da energia, ter-se-á fonte energética abundante e ninguém passará fome nem sede. E um dos maiores problemas que será incutido é quanto à superpopulação, muitas pessoas irão morrer de forma induzida e voluntária, mas indireta e discreta. No entanto, ainda neste século também se terá desenvolvido um sistema de controle de natalidade auto eficiente – contudo, só após a mutilação –, e a questão de superpopulação nunca mais será um problema, nem para o planeta, nem para o homem e tampouco para os outros animais e vegetais.

Babito – Por Deus homem! Estas coisas nos são óbvias, basta analisarmos os avanços da ciência. O que queremos é que você nos fale sobre o inimaginável.

Enzo de Aptidera – Ainda sendo óbvias encontro muitos que pensam que não vão ocorrer nestes próximos 100 anos, no entanto, foi dever expor pelo fato de aqui não se conterem somente três – referindo a si, a Babito e a Jertúlio, – mas também estes outros que vieram comigo.

Quanto ao anseio, colocarei em prática certamente. Observemos, ainda neste século teremos colônias e cidades submersas embaixo do oceano, e além do nosso globo, em outros planetas. Ainda neste século, teremos o primeiro contato direto do público com seres intergalácticos e mais evoluídos que nós. E, para não faltar o absurdo, ainda neste século teremos a capacidade de nos comunicarmos com seres que já morreram, estando do lado de lá e em uma frequência diferente – menos densa – que a nossa.

Babito – Quer dizer que me comunicarei com minha amada mãe? Isto soa absurdo, mas não vou contestar, pois como homem entendido de História sei que o primeiro telefone criado foi visto como algo demoníaco e todos falaram que seria impossível inventar. Além disso, Thomas Edson, considerado um gênio, tentou criar um aparelho para conversar com os mortos, acreditando veementemente que isso era possível.

Enzo de Aptidera – Exatamente, a morte é só uma mudança de frequência que amputa a consciência do corpo, mas nem mesmo a carcaça material desaparece, pois, o corpo se dissolve em partículas ínfimas e elas se espalham para novas formações. Em suma, nada se perde, tudo se transforma.

Jertúlio – Imaginemos o quão irônico será quando estivermos nos comunicando com os desencarnados, e lembrarmos, assim como Babito, da História e do passado que assolava as pessoas com a perda de seus entes e a desesperança de não saber aonde os mesmos estavam.

Babito – Certamente é um assunto cômico. Convém agora discorrermos sobre os seres intergalácticos, Jertúlio falou que você é de outro planeta. Portanto, não acha que se realmente existissem seres com uma Inteligência maior que a nossa, teriam os mesmos colonizado todos os planetas existentes no Universo, a fim de adquirirem suas riquezas e atenuarem sua demasiada superpopulação, uma vez que agimos e nos multiplicamos como vírus, como alegou, por exemplo, Stephen Hawking?

Enzo de Aptidera – Stephen Hawking é um pessimista. Fazer esta alegação é uma grande afronta ao intelecto. Vamos supor que exista uma raça evoluída o bastante para explorar o Universo inteiro e conhecer novos planetas habitáveis,

por que eles teriam tamanha inteligência para estas particularidades, mas não para controlar sua natalidade? Veja, é de enorme obviedade que a inteligência máxima visa sanar estes problemas de reprodução, tornando o sexo muitas vezes obsoleto conforme o intelecto em demasia reprime os instintos selvagens e coloca este tipo de controle em prol das máquinas e de métodos virtuais, de modo que a vida é gerada em uma máquina; até porque, cedo ou tarde perceberão que desenvolver embriões fora do corpo permitirá cérebros maiores e consequentemente a inteligência também vai ser otimizada.

Anônimo – E quanto a Deus? Não seria ultrajante?

Enzo de Aptidera – Eis a vantagem de trazermos alguns fiéis daquela igreja conosco! Muito bem colocado, mas, a sugestão da sua dúvida é contraditória com a vontade do Pai. Afinal, não somos à sua semelhança? Veja o quão magnífico e glorificador é poder originar uma vida com total controle sobre sua anatomia e fisiologia, permitindo sua formação através de outras vias. Não só é brilhante como justo, pois, é um produto particular da essência total termos direito e obrigação de sermos criadores à sua imagem. E, se ainda duvidam do nosso potencial como homens cósmicos (em ritmo diminuto, ainda), é porque não presenciaram o que eu vi, os da raça Aptiderana podiam originar sóis e planetas, eles faziam o que bem entendiam do Logos.

Babito – Muito bem colocado. São perspectivas diferentes.

Jertúlio – Vá se acostumando, amigo, Enzo nunca para de pensar de maneira multiforme e original.

Babito – Tentarei. No entanto, conforme sua ideologia quanto à fonte e nossa ligação para com ela, saiba que somos co-criadores, pois tudo o que originamos provém e tem sua antecedência numa originação já existente.

Enzo de Aptidera – É bem verdade que reciclamos matérias já existentes. Mas, isso de maneira alguma impede que sejamos tão criadores quanto o que aquilo no que a matéria que regemos culmina. Afinal, todas as formas neste globo vieram de dentro da matéria regente dele, e não de fora. E, sendo o planeta em que habitamos um ser vivo, ele nos origina. Quanto a isto, poderá me indagar que o efeito não apresenta nulidade em seu raciocínio, pois o planeta então seria cocriador, assim como nós. Todavia, há uma vitalidade na nossa galáxia que originou este planeta, e você pode me dizer, por conseguinte, que nossa galáxia é cocriadora, assim como também há uma força que permitiu o nascer de nossa galáxia, e continuamos a atribuir-lhe a cocriação. E deste modo nunca achará o princípio único sem que compreenda que estamos e somos ele. Para completar, através dos limites de nossa imaginação, todos os materiais que utilizamos e todo o espaço em que se encontra o cosmos são formas, a matéria tem todas as formas

nela mesma, de modo que não estamos desvinculados da originalidade antecedente, mas, somos ela própria em diferentes proporções e dimensões. Somos autênticos criadores.

Babito – É muito ávida sua fala, muito embora seja uma pena que com ela não se pode fazer ciência, pois utiliza muito da metafísica e se embasa pouco no empirismo. Bom, mas, longe destes pensamentos, falávamos de forma mais racional sobre algumas complexidades que se atribui a uma possível existência de vida fora da Terra. Ora, disse que em menos de 100 anos estaremos travando nosso primeiro contato direto ao público com os seres de outros planetas. Pois bem, este encontro será algo maligno? Eles virão para nos destruir a fim de pegar nossas terras e riquezas?

Enzo de Aptidera – De maneira alguma! Acaso não notou o que é a evolução?

Babito – Por Deus, sei exatamente o que é a evolução. É uma espécie dispor de uma mutação genética para através da seleção natural conseguir se adaptar a um novo habitat.

Enzo de Aptidera – Insuficiente! Se o meio se tornar totalmente tecnológico e com uma ciência e linguagem extremamente complexas, o cérebro humano e sua devida cognição irá rapidamente sofrer mutações e nos tornar cada vez mais inteligentes, isso acontecerá de forma assimétrica ascendente, pois o ímpeto da ciência segue ritmo acelerado, e o ímpeto do desenvolvimento evolutivo também, uma vez que necessitará o cérebro de se adaptar a inúmeras informações.

Babito – Mas não foi isso que acabei de dizer, homem?

Enzo de Aptidera – Sim! Mas não colocou na visão a questão do comportamento humano, o que acontecerá? Qual, afinal, será o progresso? O que a evolução acarretará?

Babito – Eu não tenho ideia, perguntei-lhe sobre a tentativa de genocídio dos extraterrestres justamente por isto.

Enzo de Aptidera – Pois eu respondo com louvor, os seres com um ritmo evolutivo incomensurável, a ponto de dispor de tecnologias capazes de vagar por outros sistemas solares e galáxias, nunca poderão fazer mal algum a qualquer criatura! Pois eles já estão em um nível evolutivo cujas moral e ética são totalmente inimagináveis para o nosso padrão.

Babito – Quer com estas afirmativas nos alegar que evoluir é se tornar mais ético e moral? Mas, e quanto ao homem ser “mau por natureza?”.

Enzo de Aptidera – Quero afirmar exatamente isto. Somos maus por natureza primeira e ínfima, mas não última e máxima. Conforme nos tornamos mais inteligentes nos afastamos pouco a pouco dos instintos primitivos e selvagens (natureza primeira e ínfima) através da criatividade e do poder de criar (natureza segunda e máxima), pois são eles que nos fazem agir fora do padrão comportamental involuntário. Entretanto, ainda no estado laico em que nos encontramos utilizamos o nosso livre-arbítrio e a nossa inteligência, um pouco diferenciada da dos outros animais que habitam este planeta, muitas vezes para o mal – pois ainda se vê em nós resquícios dos instintos primitivos. – Ainda assim, perceba que os grandes homens da humanidade, sendo todos criadores e semeadores de novas ideias, eram em boa parte totalmente pacíficos. De modo que muitos morreram pela massa ignorante...

Varão – Permita-me exclamar um poema:

“Eu poderia sofrer menos
se eu fosse mais burro
a ponto de culminar na ignorância.
Os homens com grandes talentos
logo perceberam tudo:
o povo assassina os que trazem a mudança”.

Enzo de Aptidera – (...) Em síntese, pra uma raça conseguir explorar o Universo, tem que estar num nível evolutivo em que já não são selvagens, mas totalmente éticos e morais. Portanto, não existe raça maligna que tenha tecnologia e nível evolutivo que a tornam capaz de explorar outros planetas, pois longe das redondezas da obscuridade intelectual, o que resta, permanece e cresce em capacidade é o amor.

Babito – Muito louvável e otimista. Contudo, infelizmente há alguns paradoxos que dificilmente serão solucionados. Então, a respeito do intelecto atenuar os instintos, questiono: por que então algumas pessoas adquirem inúmeros conhecimentos, de inúmeras áreas do saber, como Hitler fez, e continuam sendo más e antiéticas?

Enzo – Pelo fato de conhecimento se diferenciar de sabedoria. Essas pessoas não se conhecem e não procuram se conhecer.

Babito – Sabedoria então significa conhecer a si mesmo?

Enzo – Exatamente. E por não se conhecerem, alguns eruditos são somente influenciados pelo meio, isentando a sabedoria, mas não o conhecimento que lhes traz somente a prepotência.

Babito – Estou ficando impaciente, rapaz! Você não disse que a inteligência nos tornava seres mais éticos e morais, então, sendo evidente que agregar o máximo de conhecimentos e informações nos torna inteligente, como pessoas assim podem fazer tantas atrocidades? Digo, independentemente de serem sábios ou não.

Enzo – Não é pelo fato de todos termos capacidades de aprimorarmos o intelecto que seremos mais inteligentes. Convém lhes salientar um novo propósito à inteligência como conceito para os Aptideranos.

A inteligência para nós é o ato de criar, de originar e de alterar a matéria conforme essa criação, e, ainda mais, é primeiramente a instância de se conhecer ou procurar pelo autoconhecimento durante sua vida de maneira incessante. É conseguir interpretar a natureza por meio da absorção de seus conhecimentos, gerar valor e passar para os demais, sempre com o intuito de beneficiar seus semelhantes.

O homem pode ler quantos livros quiser, adquirir quantas informações puder, aprender tantas ciências quanto ansiar: embora estas coisas o ajudem a se conhecer, não será realmente mais inteligente que os outros se não conseguir sintetizar, criar, descobrir; tampouco se não lhe aprouver a filosofia de questionar sobre as questões imponderáveis quanto à vida, pois sabemos que o filósofo é aquele que procura se conhecer e entender o Universo, por estas e outras questões, o filósofo, amante do saber, está em um patamar elevado.

Babito – Não ficou claro! Não ficou claro!

Jertúlio – Tenha paciência, infeliz! Saiba refletir com moderação, pois o verbo não se extorque da boca de um sábio e não se absorve nos ouvidos de um impaciente.

Enzo de Aptidera – Quando se aprimora o intelecto, atenua-se o instinto. A selvageria é mais bem estabelecida onde concentra-se pobreza na educação. Agora entende?

Jertúlio – Pela face e o semblante, Babito ainda não compreendeu.

Babito – Este homem é louco!

Enzo de Aptidera – Será? Eu não penso assim. Neste caso, convém uma frase de William Shakespeare: “Seu valor ficou comprimido até a loucura e sua loucura temperada com sabedoria”. Me esforçarei mais do que nunca para

solucionar este problema. Assim, vemos grandes gênios e sociedades superiores conseguindo transmitir o que tento assiduamente colocar aqui.

Babito – Explique melhor.

Enzo de Aptidera – Começemos pelo livro “A República”, de Platão, e o coloquemos ao lado do que se sabe sobre o povo Inca. No livro, o eminente filósofo tenta traçar o que ele percebe como a “sociedade perfeita”. No entanto, para a infelicidade do mesmo, nem ele nem seu fiel discípulo Plotino – embora as diversas tentativas – conseguiram engajar o corpo de leis e condutas da obra. Porém, uma civilização, sem saber das características contidas no livro, utilizou dos mesmos recursos e os colocou em prática, se tornando uma das sociedades mais evoluídas e enigmáticas da História. Refiro-me, claro, ao povo Inca.

Notem as semelhanças entre as ideologias contidas no livro de Platão e o povo Inca.

Se valendo da concepção de “Filósofos”, para Platão, e de “Incas”, para o povo inca, temos:

“Inca é uma palavra quéchua que significa governador, guia, conselheiro, líder ou condutor da aldeia. Essa doutrina tinha como essência orientar o homem para a aspiração do bem-estar e adquirir a qualidade de um Inca, ou seja, ser uma pessoa que alcançou maior sabedoria e espiritualidade. A condição de um Inca era a de um ser superior caracterizado como um homem forte, conhecedor de todas as coisas e capaz de falar com Deus.

Para Platão (na sociedade perfeita), os filósofos eram reis que deveriam estar em primeiro na hierarquia governante. Eles eram homens com alta moral e éticos, verdadeiros amantes do saber”.

Além disso, na República se encontra a defesa de que as crianças deveriam ser da “comunidade”. Ora, o povo Inca, quando obtinha crianças fora dos casamentos, fazia o mesmo.

Na República se defende três tipos de natureza, e o que possuísse aquela dotada de razão e disposição para aprender as ciências deveria se tornar um filósofo, sendo, portanto, de classe superior. Veja, os Incas observavam as disposições naturais das crianças para a educação e o interesse por conhecimento, e as colocavam em uma classe acima das demais.

Em síntese, é mais ou menos desta maneira que eles enxergavam a inteligência, e seus comportamentos em prol da sociedade eram dignos de defesa ética e moral.

Jertúlio – Me pergunto se existiu alguma sociedade cuja inteligência era concomitante com a destes soberanos.

Enzo de Aptidera – “Há muito tempo atrás, existiu um povo cujos líderes, ao perecerem, lhes eram feitos bustos sobre um corredor estreito. Lá se tinham as mais belas arquiteturas, artefatos voluptuosos e enaltecidos. Eles assim faziam

para que aquele que os governasse lembrasse da importância de seu dever para com a multidão. Um dia, um homem incomum assumiu a liderança. Este, diferentemente, agia de modo tão transparente que diziam ter nascido ele tão somente para servir. Adquiria tantos conhecimentos que lhe colocavam acima de seus antecedentes. Agia com sabedoria e por assim fazer, o amavam. Próximo do fim, ele pronunciou que após morrer não queria que lhe fizessem um busto, pois, segundo ele, daria a impressão que almejava, pela sua labuta, entrar para a História, quando apenas queria ajudar o seu povo. No momento em que faleceu, o povo, que tanto o amava, respeitou seus votos. Naquele dia, não lhe esculpiram um busto, mas, ao invés disto... Levantaram-lhe uma estátua.”.

Jertúlio – Incrível! Mas, afinal, essa Estória é verdadeira ou está apenas passando uma lição?

Enzo de Aptidera – É verdadeira para quem consente e falsa para o que ignora. Digna de representação do homem evoluído e do acompanhamento, junto dele, da ética; moral; respeito e humildade. Contrária aos avarentos e obcecados pela posse e pelo poder.

Varão – “Aquilo que outrora teve-se
ao ouro, agora desdenha-se.
A riqueza material converte
até o mais erudito dos homens
em alguém cuja veste
a obsessão pelo poder esconde.”

Babito – Bravo! Bravo!

Nós, que estávamos sentados, não sabíamos se Babito elogiava mais um dos contos de Enzo ou se saudava mais um dos poemas de Varão, ainda assim, ele continuava interrogando ininterruptamente. –

Babito – Ainda carrego comigo muitas dúvidas e ponderações.

Enzo de Aptidera – Diga-me e me esforçarei.

Babito – Trata-se do avanço infinito da inteligência, que tipo de forças vão ser arraigadas no homem além dessas a respeito da ética e da moral?

Enzo de Aptidera – De modo elevado, raro e excepcional é que me questiona. A estas interrogações me regozijo em responder.

Efetuei e demonstrei ao vulgo, no que tange à metafísica, sobre nosso direito primeiro de nos tornarmos criadores à semelhança do Todo que está contido em nós. Pois bem, é com louvor que abordo o raciocínio empregado pelo

nosso excelentíssimo Babito. Eis que lhes trago boas aventuras. Trago aqui a perspectiva de um ser-humano com uma inteligência inimaginavelmente superior à nossa atual. De fato, este passa a controlar a matéria, controlar os átomos. Através de seu estado cognitivo e cerebral impetuoso, ele consegue, pelo poder da mente – cujos limites são concomitantes com a fisiologia –, dominar e acessar outras dimensões; comunicar-se por telepatia, pela transcomunicação, mover objetos materiais pelo pensamento e comunicar-se com os animais e as formas de vida ao seu redor, não pela linguagem, mas sim pela intuição. Assim, o ser humano na inteligência máxima passa a fazer parte da essência cósmica de seu ser, sendo um só com toda a natureza e se tornando conectado à unidade. Representando uma força atrativa de forte energia que penetra todos os recônditos do Universo.

Jertúlio – Sim, todavia, já nos disse sobre a transcomunicação. Falou como se desenvolvêssemos aparelhos sofisticados para isto, e, agora, diz como se fosse sem o aparato tecnológico, tão somente pelo poder mental.

Enzo de Aptidera – Isto porque dispomos de muitas maneiras de evoluir. Ora, a matéria é o agente estimulador pertinente para desembocar nosso progresso, afinal, o habitat é o meio e ele pode ser alterado pela nossa raça. Uma vez que o ambiente é modificado, perpetuam-se mutações. Sim! Conseguir-se-ia todas essas virtudes citadas acima através da tecnologia e sofisticação. Por conseguinte, a evolução externa incita empuxo na interna, para o ser racional. E, convenhamos, se eles são biologicamente elevados a ponto de dispor destes poderes, então não necessitam da tecnologia, mas, convém dizer que já possuem o corpo de conhecimento de todas as ciências inerentemente. Consequentemente, a raça que não apresenta essas forças no organismo, sendo de natureza inferior, pode, conforme progride, dispor da tecnologia para tal e, neste ínterim, será rapidamente alavancada para uma natureza mais elevada e adquirirá em pouco tempo todas estas disposições de maneira natural e mental, não mais precisando das ferramentas externas.

Babito – Então devemos aceitar que temos superpoderes, mas, porventura ainda não estão alicerçados em nós pelo nosso limite ainda pequeno no progresso. Sem dúvidas homem, você é louco!

Enzo de Aptidera – O conceito de loucura na nossa sociedade é o ato maior de quem cria, pois, para eles, louco é aquele que se diferencia das massas, e só se torna distinto delas o criador.

Babito – E se eu não sou um criador, logo, sou totalmente normal.

Enzo de Aptidera – Você realmente acha que é normal? Então você só pode ser louco!

Jertúlio – Basta! Basta! Senhores, está ficando tarde e não estou mais com idade para aguentar junto das pessoas aqui presentes vossas discussões e dúvidas nunca solucionadas por parte de Babito. E uma vez que elas não parecem sanadas, voltemos amanhã no mesmo horário para que possamos tratar de assuntos diferentes, assim, quem sabe, meu caro companheiro Babito pode esfriar a cabeça e começar a entender as coisas que Enzo nos fala.

Babito – Entro em conformidade!

Enzo de Aptidera – Sendo assim, partirei! Até mais ver, companheiros.

CAPÍTULO V

SOBRE

A

VERDADE

ABSOLUTA

SOBRE A VERDADE ABSOLUTA

Comparecendo no dia seguinte, notei que todos marcaram presença, como também apareceram inúmeras outras pessoas as quais não estavam no dia anterior. Certamente os Aptideranos devem ter emigrado como um tipo de apóstolos, divulgando a reunião e o teor de sua importância. Assim, toda a aglomeração sentou-se novamente ao redor daqueles três sujeitos; quietos e pacientes ficamos até que eles começaram o diálogo.

Jertúlio – Então, vejo que aqui estamos.

Enzo de Aptidera – De fato.

Jertúlio – Qual será o assunto desta vez? Babito, percebi que você ficou com muitas dúvidas...

Babito – Sim, estou curiosíssimo.

Jertúlio – A respeito de quê?

Babito – Da disposição de vocês em se comprometerem a abordar o tema que vos trago. Especialmente Enzo, que segue como tutor.

Enzo de Aptidera – Pois diga, que tema é este?

Babito – Nos fale, pois, da nossa inteligência atual.

Enzo de Aptidera – O que tem ela?

Babito – E eu sei? Somos nós aqui nesta vasta plateia que desejamos saber.

Jertúlio – Babito, já não foi falado o bastante sobre isto, por parte de Enzo?

Enzo de Aptidera – Sim, o tanto quanto conseguimos. Por isso, caros irmãos, trataremos hoje a respeito da verdade absoluta.

Babito – Verdade Absoluta? Pois eu mesmo lhe direi sobre ela: nunca nenhum ser-humano a encontrará em vida. É impossível, quanto mais informações adquirimos, mais informações surgem.

Enzo de Aptidera – Nada é impossível. É totalmente possível encontrar a Verdade Absoluta.

Babito – É mesmo? Diga-nos então, sábio dos sábios; mestre da erudição; ser estupendo; profeta e messias; místico e angelical; como encontrar essa Verdade Extrema e Absoluta a qual tudo rege e com a qual tudo se explica?

Enzo de Aptidera – Neste assunto eu recorro, por questão de afinidade e por partilhar de suas ideologias, assim como também por ter vivenciado, como ele, o Êxtase divino, a São Tomás de Aquino. Sendo assim, há duas maneiras de se chegar à Verdade Absoluta. A primeira, é pela revelação transcendental. A segunda, pela razão, observação e sentidos (sendo a segunda menos confiável).

Babito – Poderia nos apresentar o motivo da inconfiabilidade da segunda forma, na qual os cientistas se apoiam?

Enzo de Aptidera – Ora, não são os próprios cientistas que desacreditam que chegaremos à verdade absoluta pelos sentidos e empirismo? O método pragmático e rígido deles lhes impossibilita de ver além daquilo que já descobriram. No entanto, este paradoxo é erguido somente pelo fato de nossa inteligência ainda ser limitada.

Babito – Você quer alegar que através de milênios de evolução, quando enfim atingirmos uma inteligência capaz de absorver a verdade última pelo que os sentidos captam da matéria externa, poderemos encontrar essa verdade, isto é, seguindo a segunda metodologia (razão, observação e sentidos)?

Enzo de Aptidera – Exatamente. Nosso percurso cognitivo ainda é finito, e por assim constar ele sempre estaciona em algo complexo que não se consegue solucionar. Por outro lado, um percurso cognitivo infinito não terá limites de problemas não solucionáveis acerca do Universo e de seu vasto campo. Olhem esta imagem – e Enzo tira um papel de seu bolso:

PERCURSO FINITO DO NOSSO INTELECTO E COGNIÇÃO

— | POR SER FINITO, ESTACIONA EM
ALGO COMPLEXO QUE NÃO SE
CONSEGUE SOLUCIONAR

PERCURSO INFINITO PARA COM O NOSSO INTELECTO E COGNIÇÃO

— →
POR SER INFINITO, NÃO TERÁ LIMITES DE PROBLEMAS
INSOLUCIONÁVEIS

Enzo de Aptidera – Muito embora seja difícil compreender a lógica de meu raciocínio, tentarei afetosamente expor o conceito que foge de vossas compreensões. Um desenvolvimento de inteligência finito ainda não alcançou a máxima e encontrará no espaço em que se situa barreiras e informações que ainda deve adquirir e dominar. No entanto, quando passa a atingir a verdade última, o intelecto está totalmente completo, isso não quer dizer que chegou em um ponto permanente, e sim que ele consegue apreender todas as formas e complexidades que existem no percurso infinito do Universo de modo perene, pelo que este último não para jamais de criar e originar. No entanto, neste nível estupendo, toda a origem incessante do Cosmos é compreendida pela consciência cuja evolução atingiu o cume, e nesse estado último alcança o mesmo percurso infinito em que se segue o Universo e seu múltiplo, pois, uma vez que o próprio nunca deixa de se expandir e de se reformular, então o intelecto infinito de um corpo de consciência estará sempre apreendendo a forma infinitamente.

Babito – E essa verdade última presumo que seja a concepção de Deus, para o senhor?

Enzo de Aptidera – Perfeitamente, e o Todo jamais será compreendido seguindo pela via dos sentidos limitantes do nosso estágio atual. A não ser, digo, que se saiba contemplar verdadeiramente.

Babito – Mas a contemplação não é produto da primeira opção, isto é, da experiência transcendental como modo de atingir a verdade?

Enzo de Aptidero – Pois bem, aquele que passa pela experiência divina tem a contemplação como inerente. Todavia, há maneiras de se chegar a um estado contemplativo sem necessariamente recorrer a esse Êxtase, que ainda é raro acontecer nos indivíduos (por ainda não termos evoluído o bastante). Isto se dá quando o homem, como amante do saber, sabe apreciar e enxergar o que está além da matéria ilusória. Os homens querem achar Deus à sua semelhança, quando nós somos à semelhança dele, porém, em um estado primitivo de desenvolvimento. Por isso ele não é, em seu corpo total de definição, uma pessoa individualizada, não apresenta ódio nem rancor, tampouco desejo. Deve-se obstruir o pensamento ignorante a respeito da fonte e adotar princípios que sejam inerentes à perfeição do Universo.

Babito – Está querendo nos dizer o mesmo que Giordano Bruno, que nos tornamos contempladores quando passamos a entender o uno e sua ação subsequente, a dualidade que aqui permeia?

Enzo de Aptidera – Corretíssimo! Precisamos compreender o Universo, e dispomos de raciocínio o suficiente para fazer emergir a obviedade da sua infinitude. Sendo ele infinito, não existe um centro ou ponto fixo, no qual se agrega um valor particular. Pois o próprio, como infinito, situa seus pontos em todas as partes. Ele não produz para fora todas as coisas, mas de dentro e estando todas elas ainda nele.

Babito – Isso é o que chama de objeto de contemplação? O que eu chamo de contemplar é apreciar o corpo suntuoso e as curvaturas de uma bela mulher.

Enzo de Aptidera – Note que isto também se acrescenta – risos.

Babito – É justo! Uma vez que elas também fazem parte desse Todo.

Enzo de Aptidera – Viu? Está começando a compreender, meu caro amigo. A partir da prática e da noção de que tudo o que se vê é um princípio único, ou seja, que o tempo e o espaço estão vinculados; que a massa e a energia têm elo; a eletricidade e o magnetismo também, logo perceberão que: o tempo; espaço; massa; energia; eletricidade e magnetismo são todas a mesma coisa embutida de forma ainda imperceptível, intangível e ininteligível.

Jertúlio – Peço perdão por interromper, mas, tenho me perguntado, quanto àquela questão já debatida sobre a inteligência: a mesma em nível avançado nos fará naturalmente verdadeiros contempladores capazes de enxergar a verdade máxima?

Enzo de Aptidera – Jamais se desculpe, meu fidelíssimo colega, pois estamos aqui para conseguir chegar ao entendimento mútuo. Respondendo à sua

ponderação, coloquemos os Incas, novamente, como uma civilização que na época foi altamente avançada. Deseja saber como eles viam Deus?

Jertúlio – Por Cristo, sim!

Enzo de Aptidera – A adoração de Deus para eles se dava através da veneração, de forma hierárquica, de todos os elementos da natureza: o sol, a lua, as estrelas, a Terra e dentro desta, as montanhas, rochas, mares, lagos, árvores, animais e fenômenos naturais, considerados manifestações físicas da divindade.

Jertúlio – Assim, colocavam-se à disposição para entender na natureza a unidade que lhe rege?

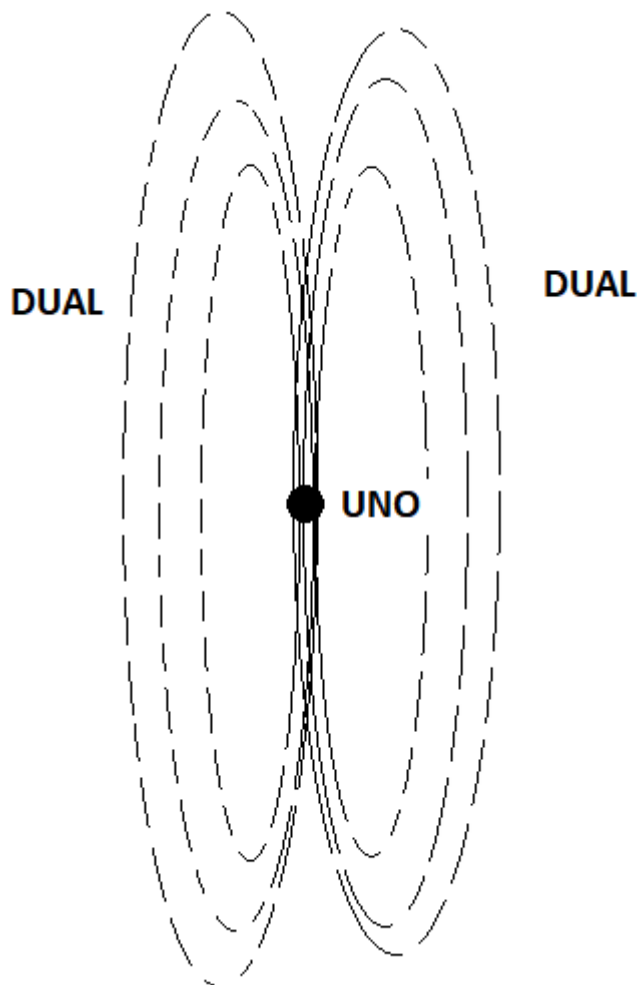
Enzo de Aptidera – Provavelmente. Agora, quanto a mim, vejo o criador em todos os lugares conforme adquirei conhecimentos e sabedoria. Em suma, quanto mais sabedoria e conhecimento, mais verdadeira e maior a contemplação. Por esta razão, o homem do saber não acredita em um criador, ele simplesmente sabe que existe, pois pode ver ao redor que tudo teve um princípio originado na fonte, e o Belo é realmente ressaltado na sua mais pura essência.

Babito – Não sei se devo concordar. Veja, você traçou uma comparação entre o ser-humano e Deus. É evidente e até mais seguro acreditar que o homem corresponde à natureza produtora, enquanto Deus, por sua vez, à natureza prototípica.

Enzo de Aptidera – Não existe essa diferença. O segundo só existe porque o primeiro é produzido; sendo o conjunto do primeiro a forma prototípica do segundo. Seu estado uno se encontra na infinidade de suas partes infinitamente numerosas e originadas sem cessação. Convém, então, alegar que todas as particularidades; todo o mundo animado; dividido e dualizado; limita-se a uma só espécie à medida em que se contrai.

Babito – Demonstre.

Enzo de Aptidera – Pois bem! – Enzo pega um papelão e uma caneta, e todos nós nos erguemos para tentar enxergar o que ele iria nos demonstrar. – Todas as diferenças que se apresentam nos corpos, no que concerne à formação, constituição, figura, cor e outras características próprias e comuns, não são senão os aspectos diversos de uma mesma substância, aspectos fugidios, móveis e corruptíveis de um ser imóvel, persistente e eterno, no qual se encontram todas as formas, todas as figuras e todos os membros. Extração daquilo que era indistinto e aglomerado. Observem esta imagem:



Enzo de Aptidera – Reparem no ponto simbolizando o uno, e continuem para as linhas subsequentes fracionadas como a dualidade. De fato, elas são produzidas e extraídas dele, porém, continuam sendo ele mesmo e não deixam de ter os seus princípios. Porventura toda a formação do tecido espacial em ritmo infinito, assim como as criações das matérias e vidas em dualidade provêm do uno. Percebam, pela gravura, que um corpo de consciência é fruto daquilo que gerou os demais corpos. Tudo é belo e merece sua contemplação por ser tudo luz da mesma substância. Assim, o Cristo nos diz:

“Amai-vos uns aos outros como amam a si mesmos”

“Eu sou a luz que está acima deles todos. Eu sou o Todo: o Todo saiu de mim e o Todo se reuniu em mim. Rachai uma madeira: eu estou ali. Levantai uma pedra e me achareis.”

“Não estamos só, Deus está com cada um de nós.”

“Ocultar-se-ia alguém em esconderijos de modo que eu não o veja? Porventura não encho eu os céus e a terra?”

“Ele revela o profundo e o escondido, conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz.”

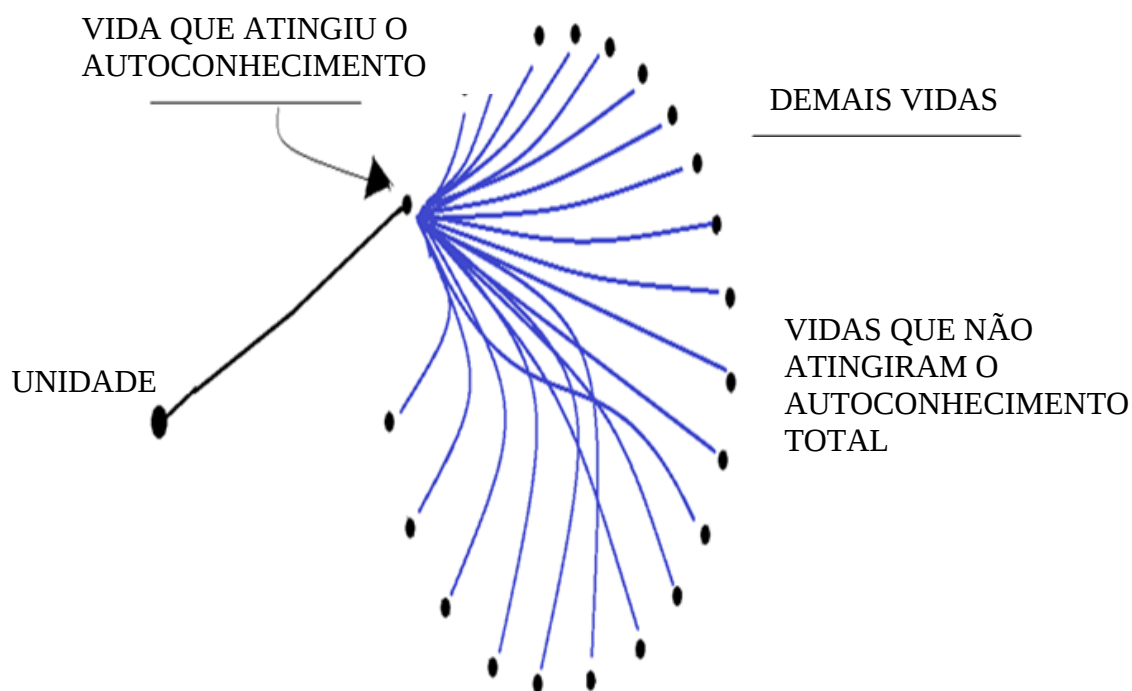
“Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu pai.”

Babito – Vejo que para todos que nos assistem tudo faz mais sentido. Porém, ainda estou com aquelas dúvidas intermitentes. Quando o cristo nos diz: “Eu estarei com vocês até o fim dos tempos”, quer ele alegar que voltaremos todos à mesma unidade, ficando em uma única junção?

Enzo de Aptidera – Olhai novamente a imagem, a representação dual aparenta ser finita e fixa, quando Jesus assim se porta, ele tem a fonte consigo e é o contemplador mais fidedigno possível, por estar com esse vínculo sem barreira e ofuscação. Ele quer nos dizer com essa mensagem que o próprio, estando em um nível evolutivo máximo transcendental (2ª via para se chegar na verdade absoluta), conhece todos os corpos de ciência e está no uno (inteligência cognitiva infinita), mesmo dualizado (finito e fixo). Assim, estando sua fonte aberta diretamente ao uno, mesmo que percesse, estaria conosco para sempre, pois somos parte fracionada do ponto que ele consegue, pela sua evolução, alcançar.

Babito – Bom, falou agora da questão que tocamos no dia anterior, a respeito da inteligência máxima. Agora, fale-nos se isto também tem conexão com aquilo que outrora apresentou, sobre o autoconhecimento. Jesus então conhecia a si mesmo de modo que ninguém nunca soube se conhecer?

Enzo de Aptidera – Sim. Vejo que sintetiza muito bem, estou admiradíssimo com vossa excelência. Não estamos aptos a entender a natureza do Criador, a menos que possamos conhecer a nós mesmos, pois somos o próprio fracionado em ritmo ascendente ao todo, tendendo a um dia deixarmos de ser uma fração. – Enzo bota novamente a tinta sobre o papel e traça um outro desenho:



Enzo de Aptidera – Todas as formas de vida provêm de uma mesma substância representada como “unidade” na imagem que acabo de traçar. Porém, devido ao corpo denso (quanto mais denso o meio, mais limitada é a propagação da luz), muitas destas formas de vida não são capazes de se lembrarem de sua essência, ficando submissas à matéria ilusória. Entretanto, os que conseguem adquirir o total autoconhecimento de si mesmos, retornam a interconectar-se com o núcleo diretamente e levar as verdadeiras informações para sua realidade. Então, os que vivem em seu meio captam essa energia e sentem-se atraídos por ela, pois em cada particularidade, em cada matéria animada, sejam os vegetais; minerais; animais, os elementos, os átomos; etc.; se concentra o princípio primeiro, e aquele que acessa a fonte atrai tudo para si, faz milagres e obtém poderes divinos aos olhos dos humanos leigos no assunto.

Babito – Assim, olhando pela perspectiva do poder que entoa o autoconhecimento atingido em sua extensa totalidade, o Cristo nos diz: “Não crês tu que estou no pai, e que o pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que eu estas, porque eu vou para meu pai... Naquele dia conhecereis que estou em meu pai, e vós em mim, e eu em vós.”. Foi deste modo que Jesus fez milagres, assim como atraiu para si uma multidão e deixou leis perenes; defendeu o direito de “obrar”, ou seja, de “criar”, por sermos à semelhança da natureza criadora, alegando que quem cria acessa a fonte: “(...) As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras”. E os que lhe atacaram e difamaram não conseguiram e

estavam obstruídos, ofuscados e inferiorizados quanto à natureza primeira, o que os impedia de enxergar a essência de todas as coisas e de se vincularem atrativamente ao Cristo. No entanto, me compraz discutir sobre seu delineamento quanto a atração de todas as formas materiais, vejo que citou também aquelas cuja vida é inerte, inanimada e não apresentam consciência.

Enzo de Aptidera – Fale por si mesmo. Pois em tudo, até mesmo nessas evidências que você apontou, se encontra vitalidade. Tudo ao nosso redor é vivo, mas em diferentes propagações e níveis. A partir da colocação dual por parte da substância única, a matéria se compõe e decompõe em diversos e suscetíveis estágios em um movimento de vicissitude. É evidente que tudo abunda vida, visto que tudo é parte do Todo, e nenhuma criação proveniente do Todo é inanimada, pois seria uma afronta ao Todo que parte de sua estrutura fosse isenta da consciência absoluta em que se encontra esse uno, a contração de toda a dualidade.

Babito – Quer que eu faça carinho na pedra e a crie como uma filha? – risos.

Enzo de Aptidera – Não me importaria, mas ansiava que não interpretasse pelo modo vulgar, mas sim pela contemplação real que lhe apresento a todo instante.

Babito – Certo, e quanto à nossa ínfima vida temporal, não acha injusta a dificuldade de conseguirmos, enquanto encarnados, alcançar essa unidade e o autoconhecimento?

Enzo de Aptidera – Em hipótese alguma! A morte separa o corpo do espírito, mas a matéria corpórea se dissolve e se une a novas formações, sofrendo mutações de combinações. Pois como toda matéria e espaço abunda vitalidade, nada perece, mas tudo se transforma.

Os espíritos soltos também são matéria, porém, mais sutil. E quanto mais sutil um corpo mais sua frequência é diferente da grosseira e habitual para vossos olhos. Aos olhos dos homens algumas particularidades se encerram como inanimadas, quando na verdade são vitais. Não haverá injustiça para o que, sem ter êxito, jaz. Pois somos à semelhança de Deus, mas em um estado laico que ainda está em desenvolvimento.

Temos, cada mineral, vegetal e animal, que reencarnar neste e em muitos outros mundos totalmente diferentes para podermos evoluir, passando de uma natureza para outra, do mineral para o vegetal e deste para o animal, sem jamais retrocedermos, pois o espírito não regride, nem mesmo estaciona, apenas progride, até que em um tempo possamos chegar à natureza máxima do criador, nos tornando uno com ele. Dizem os espíritas que o espírito pode estacionar, mas

isso não ocorre, pois tudo sempre se transforma, flui, e nenhuma transformação é imparcial, todas elas trazem em si um pedaço da evolução.

Babito – Nisso eu jamais acreditarei! Não se nasce novamente! Muito menos aceito a ideia de que o espírito sai do corpo ao dormirmos, não encontro deleite nessas premissas, caro amigo. Faltam provas concretas e pisa em zonas que não são seguras. No entanto, me compraz aceitar boa parte de sua filosofia. Claro que... Questões espiritualistas e mesquinhas, não... Não aceito.

Enzo de Aptidera – Vindo de você, tudo bem. Mas se viesse de um católico, não só pelo fato de Jesus ter dito: “Na verdade, na verdade te digo, que aquele que não nascer de novo não poderá ver o reino dos Céus”, como também pelo fato de muitos religiosos desacreditarem na reencarnação mas acreditarem que Jesus voltará, veria inconsistência. Mas tudo bem, não estou obrigando ninguém a aceitar. Que fique claro, Babito é um homem lúcido e por assim constar ele toma suas direções conforme o ponto de vista crítico. Que isto sirva de exemplo para que não adotem todas as minhas ideologias, mas que com elas aprendam a pensar de maneira original e diferente do habitual, sabendo que existe a verdade em cada conhecimento diferente, assim como neles existem o que é descartável.

Babito – Obrigado pelo elogio. Quanto ao animismo (vida animada em toda matéria), é agradável pensar assim, porém, incerto. Quisesse eu tocar a lua, caminhar sobre sua superfície como se houvesse oxigênio em sua órbita, observar o planeta Terra e toda sua imensidão azul, sentado à beira de uma cratera lunática, vislumbrar a infinidade cósmica ouvindo apenas o incomparável silêncio espacial. O problema é que há limitações em nossa atual existência, algumas coisas como caminhar livremente na lua são fisicamente impossíveis.

Enzo de Aptidera – Nada impede que especulemos que quando a nossa galáxia se formou e o nosso belo satélite prateado – a lua – nasceu, há bilhões de anos, estávamos lá, isso mesmo, éramos átomos! Nós éramos átomos vagando no Universo! Estando em cometas; estrelas; ou até quem sabe na lua, até que um dia, nós, átomos, pousamos em solo terrestre e posteriormente a vida se formou. Então, seu desejo de tocar a lua já pode ter sido realizado em outros tempos e circunstâncias, e nem o fisicamente possível discorda de que nossos átomos já podem ter sido átomos lunares.

Em tudo há vida, até numa rocha ou numa tecnologia cuja natureza transformou através das mãos humanas. Quando um corpo perece, o que se esvai é o espírito, a consciência, mas os componentes do corpo se dispersam e voltam a reproduzir outro corpo diferente, o que incube a relevância de que na matéria nada se encerra, apenas transforma-se. O que parte é apenas o veículo espiritual que utilizou aquele usufruto e que utilizará um novo no futuro. Nada dura para sempre, mas tudo é eterno.

Assim, Varão, o Poeta, enxergando nas palavras proferidas pelo seu mestre que o mesmo tinha contato direto com o núcleo do Cosmos, inferiu:

Varão – “Óh!! Óh!! Na natureza eu tento,
ao passo que tu enxergas,
as obras póstumas transitam
de dentro a fora, as mais belas,
de modo que tu me dizes...

Enzo de Aptidera – (...) Eu vejo Deus sobre elas.”

Varão – Por Cristo! É verdade!

Jertúlio – Eis aí dois solenes contempladores! Muito bem, irmãos, o tempo é curto quando a conversa é proveitosa. E, olhando para o céu noturno, e para a Lua, sobre a qual vocês recorreram, explanando suas vontades de lá permanecer, é que percebo o quão tarde está. E eu, assim como Babito, não tenho mais idade para acompanhá-los pernoitando freneticamente. Então, grato sou pelas lições, Enzo, fiquem todos com Deus.

Deste modo Jertúlio e Babito se retiraram, um mais satisfeito e o outro menos. Quanto a nós, esperamos pelos movimentos de Enzo de Aptidera para tomarmos nossas iniciativas. Assim se deu início a uma nova jornada.

CAPÍTULO VI

REGRAS FINAIS

REGRAS FINAIS

Enzo de Aptidera – Vejam, amigos, Babito e Jertúlio se dispersaram, mas, todavia, não serão os únicos, pois hoje é nossa última noite juntos, pois vocês já aprenderam as lições.

Nem todos ficaram em choque ao ouvir a proposta de Enzo de nos abandonar. Mas, eu fiquei surpreso, não tinha capacidade de compreender o momento de reflexão que ele queria nos dispor.

Elpídio de Lacerda – Mas só ficamos 2 dias juntos! – Resmunguei.

Enzo de Aptidera – Sim, foi o suficiente. A verdade nem sempre é longa.

Elpídio de Lacerda – Tem razão, deixou para nós a sabedoria e o conhecimento.

Enzo de Aptidera – Apenas uma parte ínfima. Agora devo passar algumas regras ao grupo Aptiderano, para que possam espalhar a verdade como solenes adeptos.

Elpídio de Lacerda – E quais seriam, pois, essas regras?

Enzo de Aptidera – Elas são:

→ Deve praticar o bem, da ética, da moral e da virtude.

→ Ter total convicção de que sabem que nada sabem, e, portanto, de que não se conhecem.

→ Buscar constantemente a verdade mediante o conhecimento e a espiritualidade, a fim de se conhecerem.

→ Ser tolerante para com todas as religiões, ciências e crenças, pois em cada uma há verdades e coisas a serem descartadas.

→ Se tornar vegetariano, jamais comendo qualquer animal, a não ser que seja em caso de luta pela sobrevivência.

→ Passar a ser um criador, criando e originando coisas novas a partir dos conhecimentos e sabedoria que vêm buscando.

→ E por último, praticar a caridade para com os desafortunados, pobres, órfãos, viúvas e insanos.

Varão – Sim! Sim! Devemos todos praticar estes ricos mandamentos! –
Interveio Varão – Mas, no entanto, mestre, antes que nos deixe, peço, insisto e imploro que responda uma série de dúvidas cruéis que me assombram!

Enzo de Aptidera – Pois me diga, irmão, para que não saíamos daqui de mãos atadas.

Varão – Mestre, qual o sentido da vida?

Enzo de Aptidera – Procurá-la...

Varão – E quem eu sou?

Enzo de Aptidera – A resposta...

Varão – Do quê?

Enzo de Aptidera – Do porquê...

Varão – Então, onde encontro-me?

Enzo de Aptidera – Na procura...

Varão – E onde procuro?

Enzo de Aptidera – Em você!

Assim, Varão, o pupilo, se deu conta de que não havia outro caminho a trilhar se não o autoconhecimento.

Enzo de Aptidera – Aquele que enfrenta a grandeza de seus sonhos perdura em meio aos temerosos, e se arrebatava à verdade.

Varão – Mas, se você for louco, seguir seus conselhos seria insanidade, logo, o caminho da loucura pode ser o caminho real?

Enzo de Aptidera – Não se preocupe quanto a este quesito, pois estamos na estrada certa, afinal, loucura real é fazer apologia à normalidade, e aqui estamos totalmente contrários a ela.

Varão – Tem total razão, ó, ser insano! Nos faça uma apologia à morte. Uma vez que não discorremos sobre ela, nosso futuro é incerto.

Enzo de Aptidera – Como Aptiderano, não deves temê-la, pois sabe-se pela contemplação que isto aqui é apenas uma passagem, vivíamos antes e viveremos infinitamente após. A vida é apenas uma jornada na qual a raça humana não se encontra em seu estado último. Porém, quando o homem perece, ele vai de encontro com a iluminação da verdade. Perceba:

“Quando o céu oculta as estrelas, o que preenche o infinito?”

Varão – Não sabemos

Enzo de Aptidera – É bem verdade que não se sabe, ainda em vida poucas coisas nos são reveladas. Devemos lembrar da filosofia da “Astropsiquê”, minha ciência criada para fazer analogias entre a astronomia e a subjetividade humana. Só assim entenderemos o que ocorre na morte do corpo físico.

Portanto, pensemos: o céu só pode ocultar as estrelas que vivem, pois, a estrela que morre libera uma luz radiante que deveras se faz perceber até mesmo sobre o dia claro da terra. Tal estrela apenas libera o véu da ilusão do nosso céu claro que faz parecer que não há estrelas, e retorna à originalidade dada pelo seu princípio.

Do mesmo modo se dá com o homem liberto das vicissitudes da vida, na morte o próprio terá seu brilho em constante esplendor.

Varão – Então todos os homens que jazem, brilham?

Enzo de Aptidera – Alguns brilham mais que outros.

Varão – E o que alicerça essa diferença?

Enzo de Aptidera – O ato de criar.

Varão – Há muito percebo sua defesa insistente da criação e da prática dela pelos homens. No entanto, como pode brilhar aquele que se vincula em excesso com a natureza abstrata e esquece da realidade primeira? Não estaria cedendo, este tipo de criador, à ilusão?

Enzo de Aptidera – Corre o risco de se submeter a algo que não é real aquele que se vincula às ideias dos outros. Mas, se o homem cria elo com suas próprias invenções, elas podem ser falsas para os outros, mas nunca para ele mesmo, pois uma invenção será sempre produto original de seu criador.

Varão – Compreendo, ó, ser beatificado! Porém, poucos irão compreender a ti, pois a metafísica há muito tempo foi morta, isentando a defesa de penetrar e vagar pela abstração e pelo mundo das ideias por parte de alguns criadores.

Enzo de Aptidera – Os filósofos materialistas atuais, que, diga-se de passagem, não são filósofos reais, criticam por vezes a metafísica. Mal eles sabem que eu sou a própria abstração, e como tal serei o primeiro homem do mundo a materializar a natureza abstrata, e ver-se-ão perpetuarem todas as minhas ideologias, pois a grandeza de uma ideia é o que determina sua duração.

Varão – “Quando a ideia surge de modo abrupto,
imediatamente deve ser fomentada;
e quanto mais parecer absurdo,
mais sua grandeza atingirá o vulgo,
impossibilitando-a de ser dispensada.”

Enzo de Aptidera – É bem assim... Todo persistente extravasa além dos horizontes de muitos não-teimosos.

Elpídio de Lacerda – Mas o que dirá você – interrompo abruptamente –, Enzo, quando os materialistas defenderem o método empírico como digno de ser considerado muito mais confiável? Uma vez que, segundo eles, a natureza sensível alimentada pelos sentidos é clara e oposta àquela que está além dos órgãos sensoriais, abstrata e imaginável.

Enzo de Aptidera – Se temos noção de que somos criadores, criamos de tudo, incluindo nossa realidade, então a matéria transformada por uma atividade recorrente da ideia (intelecto infinito) faz com que a ideia e as coisas imagináveis sejam tão constituídas de valores quanto a natureza sensível, e, seguindo este raciocínio, quem questionará que as coisas sensíveis ao nosso redor tão defendidas por estes intelectuais não seja algo que foi criado por uma mente abstrata cujo intelecto é mais elevado e capaz de originar esta nossa natureza que nos ronda e permeia?

Eles criticam a racionalização, quando na verdade tanto ela quanto o empirismo apresentam verdades (Kant demonstrou isso). Novamente, se temos matérias e coisas invisíveis preenchendo o espaço, tal como as outras dimensões invisíveis aos nossos olhos, então a racionalização presente na metafísica pode ser um meio de nos levar a compreender possíveis dimensões, diferentes Universos ou a finitude de algo de que não se tem domínio; a racionalização trata de uma coisa que ainda não é possível se captar pela natureza sensível. Sendo assim, o homem transcende. Giordano Bruno afirmou haver inúmeros sóis no Universo apenas pela observação da natureza e racionalização metafísica transcendental.

Elpídio de Lacerda – Verdade, meu caro. Tal é o poder da criação.

Enzo de Aptidera – Veja o poder que ela fornece: você consegue ver uma realidade diferente da que via antes? Pode ter certeza que foi obra de um criador. Acaso você não defende comigo que se deve criar continuamente para que sua realidade fique tal como a natureza, em eterna mudança? Fazendo com que a vida dos outros não pereça na inércia com os vínculos deles parados, pois estarão sempre aceitando suas novas ideias?

Elpídio de Lacerda – Por Deus que sim! A partir deste momento, irei a cada insight tentar criar algo novo!

Varão – “Todo chegar de uma ideia
deve a tinta registrar.
Quando se esvai sem o registro
se descasa o compromisso
com a arte, de inventar”.

Elpídio de Lacerda – Exatamente! – E o público conclamou palmas. – E assim quem sabe poderei mudar todo o mundo!

Enzo de Aptidera – Se você crê que pode mudar o mundo, eu confio mais do que você mesmo, pois eu não creio, tenho certeza de que é capaz.

Elpídio de Lacerda – Acredito com veemência que uma maneira otimista de transformar o globo em um lugar melhor é adotando aquelas suas regras finais, e, se observarmos uma delas em especial, a respeito de nos tornarmos vegetarianos, veremos que veementemente revolucionário seria se todos os seres-humanos do planeta não comessem animais. Fale-nos, pois, sobre esta questão.

Enzo de Aptidera – Perfeitamente. Na “Origem das Espécies”, encontramos Darwin nos dizendo: “Certamente o hábito ocasionalmente influencia a modificação dos instintos, mas, não é fator indispensável” Ele também nos afirma que os animais não usam somente os instintos, como a razão, alegando que quando eles são domesticados, atenuam-se os instintos naturais, pois a educação e a Inteligência alimentada lhes tiram de um estado de maior selvageria. Assim ele nos fala: “Os instintos naturais são perdidos quando o animal está em estado doméstico”. Ora, o mesmo defende aquilo que venho trabalhando com vocês, no momento em que digo que a inteligência nos torna mais morais e éticos e nos tira do estado selvagem. E, ainda assim, essas informações servem para inferirmos sobre nosso orgulho o depósito da incerteza quanto ao hábito grotesco de comer os animais.

A História está aí para quem quer ver, todavia, ainda há muitos ignorantes que usam pseudoteorias para tentarem defenderem a gula insaciável que sentem. Não esqueçam o que Pitágoras nos diz: “Devemos, na vida, dormir pouco e comer menos ainda”. Vejam, os Incas, os gladiadores, os filósofos gregos, os gênios como Newton; Edson; Da Vinci; Voltaire; os líderes espirituais como Buda; Ghandi; Pitágoras; eram todos vegetarianos, por que então não percebemos qual o caminho para a inteligência real? Que moral desembocaremos quando evoluirmos cognitivamente! Sem dúvidas nosso destino é lindo.

Elpídio de Lacerda – Ótimas exemplificações, fidelíssimo. Embora breves.

Enzo de Aptidera – E breves certamente serão, pois necessito me retirar. Fiquem todos com o Pai Celeste, que é vocês e está em tudo. Propaguem essas ideias com ímpeto caso adotem as mesmas, mas, se não concordarem, podem descartá-las. Adeus.

Tempos foram se passando após a partida de Enzo. Pouco a pouco os Aptideranos foram se retirando, cada um com um contexto novo e um semblante diferente, um olhar irrequieto e uma dúvida constante. Quanto a mim, pude perceber que meus dias passaram a ser totalmente diferentes de antes de ter me encontrado com eles, agora eu já não vivia mais na mesmice, segui meu próprio caminho trilhando a senda do autoconhecimento, e especialmente pela via da loucura.